



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL
PROFSOCIO

**INTEGRANDO MÚSICA AUTORAL E SOCIOLOGIA: UMA INTERVENÇÃO
PEDAGÓGICA ALTERNATIVA**

RAFAEL DE OLIVEIRA MILANEZI

MARÍLIA
2020

RAFAEL DE OLIVEIRA MILANEZI

**INTEGRANDO MÚSICA AUTORAL E SOCIOLOGIA: UMA INTERVENÇÃO
PEDAGÓGICA ALTERNATIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia - PROFSOCIO da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus Marília, para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.
Area de Concentração: Sociologia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Paula Cordeiro

MARÍLIA

2020

M637i Milanezi, Rafael de Oliveira
Integrando música autoral e sociologia: : Uma intervenção pedagógica alternativa / Rafael de Oliveira Milanezi. -- Marília, 2020
103 p. : tabs., fotos

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientadora: Ana Paula Cordeiro

1. sociologia. 2. ensino médio. 3. música. 4. teoria histórico-cultural. 5. juventude. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: INTEGRANDO MÚSICA AUTORAL E SOCIOLOGIA: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA ALTERNATIVA

AUTOR: RAFAEL DE OLIVEIRA MILANEZI

ORIENTADORA: ANA PAULA CORDEIRO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL, área: Ensino de Sociologia pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. ANA PAULA CORDEIRO
Departamento de Didática / Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Profa. Dra. MARIA VALERIA BARBOSA
Departamento de Sociologia e Antropologia / Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Profa. Dra. JOANA DARC TEIXEIRA
Cursos da Área da Saúde / Faculdades Integradas de Bauru

Marília, 23 de abril de 2020


Profa. Dra. Sueli Guadelupe de Lima Mendonça
Coordenadora do PPG em Sociologia em Rede Nacional

AGRADECIMENTOS

A presente pesquisa de mestrado não poderia chegar a bom termo sem o precioso apoio de várias pessoas.

Quero agradecer primeiramente à minha família: aos meus pais Edilea e José Carlos, ao meu irmão Junior e à minha companheira Daniela e filha do coração Letícia, pelo cuidado e amparo incondicional e por terem acreditado mesmo nos momentos mais difíceis desta caminhada.

Aqui expresso o meu agradecimento à minha sobrinha Cecília Scrivant pela colaboração na elaboração do abstract.

Aos verdadeiros amigos pelo carinho e alegria de sempre, especialmente à Juliana Bortolatto, Roberta Seixas e Gustavo Giroto pelo encorajamento capaz de me fazer superar incertezas.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Ana Paula Cordeiro, por todo empenho e paciência com que sempre me orientou neste trabalho.

Desejo igualmente agradecer a todos os meus colegas do Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO pela amizade e companheirismo. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Finalmente à todos os professores com os quais tive aula neste período e aos funcionários da limpeza, biblioteca e da secretaria Pós-Graduação da FFC que garantiram o suporte necessário para essa jornada.

.

RESUMO

Esta dissertação teve como proposição uma pesquisa-ação sobre o desenvolvimento de uma intervenção pedagógica na disciplina de Sociologia, utilizando ferramentas de sensibilização musical, leitura de livros, apresentação de seminários e produção de músicas autorais, com uma turma de terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública da rede estadual em Dobrada, interior do estado de São Paulo. Por intermédio do referencial teórico da Teoria Histórico-cultural da Atividade, procuramos comprometer os estudantes envolvidos na pesquisa em práticas significativas que auxiliassem para a expansão do seu repertório cultural, além da apropriação dos conteúdos presentes no currículo de Sociologia do estado de São Paulo. A partir dessa experiência em grupo foi possível estimular a criatividade e criticidade dos estudantes durante a preparação de suas percepções musicais direcionando-as para a produção autoral, bem como debater e avançar nas percepções sobre o mundo social: a coisificação e desumanização do outro, a reprodução da desigualdade e da violência e o papel transformador do sonho. Assim sendo, este empenho permitiu contribuir para ampliação da reflexão acadêmica sobre novas práticas no ensino médio para a Sociologia e, como resultado, propiciou a produção de músicas autorais que abordam os problemas sociais trabalhados no bimestre.

Palavras-chave: Sociologia. Ensino Médio. Composição musical. Juventude. Tecnologia. Pesquisa-ação. Teoria Histórico-cultural.

ABSTRACT

This manuscript had the goal of a direct study about the development of a pedagogical intervention in the discipline of sociology using tools of musical awareness, reading of books, seminar presentation and production of copyrighted music, with a public school's 12th grade class in Dobrada, inland of the state of Sao Paulo. Through the theoretical framework of the Historical-cultural Theory of Activity, we look forward to compromise the students in this research in significant skills that help in the expansion of their cultural repertoire, besides the appropriation of the contents present in the Sociology curriculum of the state of Sao Paulo. From this group experience, it was possible to stimulate students' creativity and criticality during the preparation of their musical perceptions, directing them towards authorial production, as well as debating and advancing perceptions about the social world: the reification and dehumanization of the other, the reproduction of inequality and violence and the transforming role of the dream. Therefore, this commitment allowed to contribute to the expansion of academic reflection on new practices in high school for Sociology and, as a result, it enabled the production of authorial songs that address the social problems worked in the two months.

Key words: Sociology. High school. Musical composition. Youth. Tecnology. Direct study. Cultural-Historical Theory.

“Se a vida fere com a sensação do brilho de repente a gente brilhará”

Gilberto Gil

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fases da Intervenção Pedagógica:.....	28
Figura 2: Cronograma de Atividades:	29
Figura 3: Quadro Conceitual:	54
Figura 4: Dinâmica “Sete”:.....	63
Figura 5: Recebendo os livros “Carolina”	65
Figura 6: Esquema de Divisão dos Grupos	66
Figura 7: Lousa para elucidar os temas e “O passo”	67
Figura 8: Trecho de “Carolina”	68
Figura 9: Estudantes conhecendo a folha Números de “O Passo”	69
Figura 10: Folha Números	70
Figura 11: Atividade “Saltos no Tempo”	72
Figura 12: Partitura entregue aos alunos de “Carimbó”	73
Figura 13: Reunião para pesquisa do Seminário	76
Figura 14: Compondo “Não pare de lutar”	78
Figura 15: Ensaio geral e ajustes finais	79
Figura 16: Apresentação dos seminários temáticos.....	80
Figura 17: Apresentando as músicas autorais.....	81
Figura 18: Foto final com todos os presentes	82
Figura 19: Gravação com os alunos compositores	83
Figura 20: Apresentação Formatura: “Carimbó” e “Não pare de lutar”	85
Figura 21: Detalhes do ciclo de desenvolvimento da atividade	83
Figura 22: Informações.....	90

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	9
1.1 O Foco da Pesquisa	9
1.2 Problema	12
1.3 O Contexto da experiencia	14
1.3 Trabalhos Relacionados	16
1.4 Perspectiva de Contribuição	18
1.5 Organização da dissertação	20
2.JUSTIFICATIVA	21
3.METODOLOGIA	23
3.1 Plano de Ação	26
3.2 Cronograma	29
4.REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	30
5.SOCIOLOGIA	38
6.TECNOLOGIA	44
6.1 Tecnologias de Informação (TICs)	48
6.2 Música e tecnologia de gravação	52
7.EDUCAÇÃO MUSICAL	55
8.A SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA	58
8.1 Primeira Conversa – Aula 1	62
8.2Apresentando “Carolina” – Aula 2	64
8.3 Divisão dos Grupos – Aula 3	65
8.4 Reunião e Introdução a “O Passo” – Aula 4	69
8.5 Saltos no Tempo – Aula 5	71
8.6 Canto Coral	72
8.7 Pesquisa em Grupo	75
8.8 Composições I	77
8.9 Composições II e Ensaio	78
8.10 Apresentação	80
8.11 Gravação	82
9.FORMATURA	84
10.COLETA E ANÁLISE DE DADOS	86
10.1 Dos resultados	87

REFERÊNCIAS	95
ANEXOS	99

1 INTRODUÇÃO

1.1 O foco da pesquisa

O ensino da disciplina de Sociologia nos currículos universitários, desde quando Durkheim a converteu em curso na França em 1887, tem se diversificado e ganhou muita atenção na formação profissional ao longo dos anos, tamanha a importância de seus conceitos e métodos. Entretanto, não se pode dizer o mesmo em relação ao seu ensino no Ensino Médio. Sua existência foi marcada por muitas idas e vindas e, ainda, diversos entendimentos a respeito da formação dos conteúdos pertinentes para essa determinada área do saber. No Brasil a Lei n. 11.684, de 2008, trouxe a disciplina definitivamente para as escolas. Nessa perspectiva, esta pesquisa se propõe a responder a seguinte pergunta: será possível contribuir para a consolidação de novas práticas pedagógicas no ensino de Sociologia no Ensino Médio valendo-se de elementos que levem o estudante à compreensão de conceitos sociológicos por meio da composição e gravação de músicas autorais?

Este trabalho, por meio de uma intervenção pedagógica, busca propiciar alternativas de estratégias de ensino aos professores de Sociologia da rede pública tendo como mote a linguagem artística da música. As ações propostas foram realizadas no decorrer do 4º bimestre, no ano letivo de 2019, durante as aulas de Sociologia no Ensino Médio. A finalidade é entender de que maneira elementos do fazer musical podem contribuir para o desenvolvimento da interpretação do mundo pela imaginação sociológica. Segundo Mills (1969), a imaginação sociológica trata da habilidade de conectar história e biografia e as relações entre elas na sociedade. Isso denota investigar a nossa experiência pessoal e a de outros dentro da conjuntura da sociedade em geral. Espera-se que ao final, o estudante tenha aprendido o básico sobre elementos da produção musical autoral e ainda vinculá-la às percepções próprias de sua condição juvenil. Ou seja, teremos como produto final uma música composta para cada um dos temas sociológicos tratados no bimestre definidos pelo currículo do estado de São Paulo para a disciplina de Sociologia.

A Sociologia no ensino médio não deve ser vista como uma ciência de conceitos e teorias acabadas mas sim como um conhecimento em permanente renovação e reflexão

capaz de se configurar como importante instrumento na solução dos atuais problemas sociais. Nesse sentido, cabe frisar, a importância da existência e da manutenção de espaços que permitam a qualificação, a atualização teórica e metodológica dos professores que ministram a disciplina de Sociologia da educação básica, bem como a atualização dos estudos sociológicos das sociedades contemporâneas e em particular a brasileira, com destaque na situação da juventude e suas perspectivas.

O trabalho realizado pelo programa nacional de mestrado profissional PROFSOCIO torna-se parte fundamental para a qualificação do professor de Sociologia valorizando aqueles que atuam na educação pública ampliando o repertório de práticas e métodos pedagógicos tão importantes para qualquer área. Dentro dos polos regionais, neste caso o campus da Unesp - Marília, reconhecido por ter um campo de investigação científico capaz de desenvolver atividades acadêmicas de diálogo, pesquisa, aprofundamento e fortalecimento da licenciatura, é possível observar a produção de contribuições sobre educação, escola e ensino de Sociologia sistematizados junto a conhecimentos da área das Ciências Sociais e da Pedagogia permitindo um caminho tangível e preciso para aquele que deseja aprimorar significativamente sua atuação em sala de aula.

Tendo em vista que a atividade de pesquisa trabalha com o desenvolvimento de indivíduos críticos e preocupados com aspectos teóricos e práticos acerca do conhecimento, é possível dizer que há uma conexão com os princípios educativos pois, enquanto professores de Sociologia, observarmos a realidade da escola com inquietação e olhar apurado buscando por respostas.

Por estudar e pesquisar no âmbito da educação, este requer envolvimento em diferentes singularidades e realidades. Diferente daquela imagem clássica de um laboratório de pesquisa em ciências naturais, temos como matéria-prima o mundo social escolar o qual permite realidades distintas que podem sofrer influências externas e internas ao sujeito implicado no contexto.

Quando olhamos para o PROFSOCIO, presenciamos uma quantidade significativa de professores da educação básica que demandam capacitação para a pesquisa científica e aprimoramento profissional por meio do curso de mestrado. De fato, é um programa onde existe a possibilidade de colocar a produção das universidades mais próxima da realidade escolar por meio da pesquisa, ação e observação dos professores. Intensificar e estimular essa troca de conhecimento tem como consequências

a busca por caminhos mais assertivos para a melhora do ensino, tanto para professores da educação básica, quanto para universidade pública, estudantes e escolas da rede.

A motivação na procura de desenvolver aptidões de pesquisa e as implicações deste projeto tem relação com parte da minha existência. Como filho de um professor de violão e uma professora de ensino básico, a música era muito estimulada dentro de casa. Acesso ao violão, piano, cavaquinho era coisa corriqueira nas aulas que meu pai oferecia para mim e meu irmão.

Sempre me envolvi com bandas musicais e conjuntos na infância e adolescência, passando por instrutor de bloco de carnaval na fase adulta, participando dos debates do conselho de políticas culturais do município de Taquaritinga-SP, até ocupar a cadeira da música nas reuniões. Por conseguinte, por dar continuidade a essa proximidade visceral com a música, desenvolvo um trabalho de produção musical em um estúdio de gravação próprio no centro da cidade.

As vivências, tanto na área da música quanto como educador no ensino público propiciaram um acúmulo de conhecimento, que tenho procurado aliar com momentos onde tais elementos dialogam e se complementam. Pude, nesses quase 9 anos de magistério na rede pública, experimentar diversas situações onde a música se apresentou como catalisador, não apenas no diálogo com os alunos, mas também no processo de aprendizagem destes.

Dentro de atividades musicais coletivas como sarau, ensaio de banda escolar, coral, rádio escolar, análise de músicas, dentre outras tive a oportunidade de presenciar pequenas transformações no comportamento dos alunos que me serviram como pistas sobre qual caminho seguir.

A experiência da Rádio Escola “Comunica Silveira” realizada na Escola Estadual Silveira Coelho em Taquaritinga-SP, como um pequeno exemplo, trouxe a meu trabalho indicadores de um caminho possível entre a música e o ensino presente na grade curricular, especialmente na área das Ciências Humanas, já que implicou em pesquisar, criar e redigir conteúdos com os estudantes.

Ora, da mesma maneira que observamos uma hegemonia de músicas como objeto do capitalismo em concessões públicas de rádio, televisão e nas redes sociais, que reproduzem uma visão de mundo atrelada ao consumismo, por que não buscar alcançar um pensamento crítico por meio da linguagem musical? Nessa ideia a escola entraria

como nova produtora/emissora de cultura e não apenas consumidora passiva. Este é um assunto que abordarei com mais profundidade no segundo capítulo. .

A metodologia científica aplicada neste estudo foi a pesquisa-ação. Como campo empírico, optei pela realização de um Projeto de Intervenção Pedagógica em uma sala de terceiro ano do Ensino Médio, com 28 alunos matriculados. Esta escolha metodológica me proporcionou, não somente uma imersão na dinâmica, mas com efeito propiciou a percepção investigativa partindo de dentro da experiência pedagógica, compreendendo, portanto, o estágio de um conhecimento organizado, coerente, profícuo e científico.

1.2 Problema

Observamos que o cotidiano escolar tem sido muito debatido nas últimas décadas e muitas vezes nós, professores, nos deparamos com concepções acerca da juventude que reduzem nossa maneira de compreender os jovens. Entre elas a mais arraigada é a de que a juventude se encontra em uma transitoriedade. Isso a converte em um mero "vir a ser", aquela que está na passagem para a vida adulta, onde um futuro a espera e que, portanto, deve negar o presente vivido, bem como as questões existenciais inerentes a esse universo.

No entanto, o jovem chega às escolas públicas trazando sua diversidade, apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio que o diferencia das outras gerações. Ou seja, existe uma nova condição juvenil no Brasil (DAYRREL, 2007). A origem da palavra condição, em latim *conditio*, refere-se a maneira de ser ou à situação de alguém perante a vida. Nesse sentido, segundo o autor, temos duas dimensões principais sobre a condição juvenil. A primeira relaciona-se com a maneira como uma sociedade institui e confere significado a esse momento do curso da vida, no âmbito histórico-geracional. E a segunda relaciona-se com a sua situação, isto é, a forma como essa condição é vivida em determinados recortes na coletividade coadunado às diferenças sociais – etnia, gênero, classe etc.

Consideramos igualmente que essa condição juvenil se estabelece em um cenário de profundas transformações socio-culturais sucedidas na civilização ocidental nas últimas décadas, consequência da ressignificação do espaço, tempo e reflexividade, bem como uma nova arquitetura do social (GIDDENS apud DAYRREL, 2007). Ao mesmo tempo, no Brasil, é fundamental citar as mudanças que ocorrem no mundo do trabalho, com a ampliação das taxas de desemprego, a geração de postos de trabalho precários, que

afetam, sobretudo, os jovens das camadas populares, interferindo diretamente na trajetória de vida e no campo de possibilidades e perspectivas dessa vivência juvenil. E esse lugar social do jovem das camadas populares está consideravelmente ligado à pobreza e a uma trajetória de vida difícil e dura e seu grande desafio é a garantia da própria sobrevivência.

No entendimento da importância da expressão simbólica na construção de uma identidade juvenil, onde a música pode ser considerada forma de comunicação e posicionamento, a hipótese deste trabalho se desenvolve com a experiência do estudante desnaturalizar e transformar sua concepção de mundo e, de quebra, aprender e sentir-se capaz, partindo de suas experiências, a criar e manifestar expressões culturais relacionadas à música. A questão que se propõe é: será possível a conexão entre música e disciplina de Sociologia no Ensino Médio por meio de um projeto de composição musical dos alunos? Ou seja, a produção e composição autoral destes alunos como resultado de um trabalho anterior de pesquisa, leituras e reflexão poderia nos dar quais resultados?

Pesquisas na área da educação apontam para a necessidade de explorar a música como um recurso pedagógico dentro da sala de aula. Segundo Figueiredo (2004, p. 60), “aproximar música e pedagogia pode representar uma alternativa para que a educação seja compreendida, solicitada e aplicada sistematicamente”. Além de trabalhar funções motoras, intelectuais e sociais, ela necessita de tecnologia simples. A princípio apenas reproduzir o som ou um instrumento tocando pode transportar o educando para um mundo vasto de aprendizagem. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a música:

É a linguagem que traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. [...] A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical.(PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p.45).

No caso da gravação de músicas, produto final deste trabalho, exige-se uma tecnologia com alguma especificidade a qual o acesso está gradativamente mais descomplicado. Desse modo, se a música foi aprisionada em uma tirania material por mega corporações ao longo do Século XX, hoje é cada vez mais simples produzir músicas graças ao avanço e popularização dos meios de produção e difusão. A desintermediação

dos meios de difusão e a micronização da tecnologia são assuntos para o terceiro capítulo deste trabalho, que terá como finalidade debater a importância da apropriação do docente frente às novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) que gradativamente ocupam o espaço escolar e o meio social, ampliando a difusão de músicas e produções regionais e independentes presentes na internet.

1.2 O contexto da experiência

A intervenção pedagógica foi desenvolvida em uma escola pública da cidade de Dobrada, vinculada à Diretoria de Ensino - Região de Taquaritinga que, por sua vez, é subordinada à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo(SEE-SP). Seguidamente serão pormenorizadas as características da rede, da escola e da turma em que a proposta foi incrementada.

A Rede Estadual Paulista é a maior rede de ensino básico do Brasil, atualmente possui quatro milhões de estudantes em 5300 escolas, com 230 mil professores e 59 mil servidores. A Diretoria de Ensino de Taquaritinga atende os municípios de Borborema (03), Candido Rodrigues (01), Dobrada (03), Fernando Prestes(01), Ibitinga (08), Itápolis (10), Pirangi (01), Santa Ernestina(01), Tabatinga (02), Taquaritinga (05), Vista Alegre do Alto (01).

O prédio que a briga a escola foi construído em 1970, a escola localiza-se no centro da cidade de Dobrada, que tem uma população de 8.513 habitantes entre zona rural e urbana. A escola oferece os cursos de Ensino Fundamental II no período vespertino, e Ensino Médio Matutino e Noturno e atende cerca de 850 alunos.

O alunos em sua maioria são provenientes de famílias de classe baixa, média e maioria de trabalhadores rurais. Os anseios do corpo discente quanto à continuidade de estudos são amplos, entretanto, as condições de baixa renda frustram os mais carentes, já que entram muito cedo para a força de trabalho a fim de contribuir com o orçamento familiar na luta pela sobrevivência. Quanto ao comportamento social e a participação na vida escolar, consideramos positivo, uma vez que todos os alunos participam dos diversos empreendimentos da unidade escolar (PLANO DE GESTÃO ESCOLAR, 2013 - 2016, p.7).

Possui 11 salas de aula, com lousa, carteira e cadeiras em bom estado de conservação, além do almoxarifado, arquivo, biblioteca, cantina, sala de coordenação

pedagógica, cozinha, depósito de alimentos, sala de diretoria, laboratório de ciências, laboratório de informática, pátio coberto, sala dos professores, quadra coberta, sala de educação especial, sala de educação física, sala da secretaria, zeladoria, sala de mediação, depósito de material, escola da família e 2 banheiros para professores(masculino/feminino), 2 banheiros para alunos (masculino/feminino).

Seu quadro funcional é de 51 professores e 9 funcionários. Desde 2017 faço parte do quadro funcional no qual leciono as disciplinas de Sociologia e Geografia, num regime de trabalho de 40 horas semanais. Pelo motivo de ser professor somente do Ensino Médio, optei por realizar a pesquisa apenas com o 3º ano.

Aos finais de semana, realiza-se também o projeto Escola da Família. Esse projeto procura reduzir a violência urbana, criando espaços de paz, onde a cidadania é ressaltada. A comunidade participa de atividades lúdico-pedagógicas aproximando a equipe escolar dos pais e das comunidades, trazendo-os para dentro da escola.

Os alunos costumam participar regularmente de atividades externas como visitas a exposições, museus, eventos científicos e feira de profissões em universidades, e também de eventos internos como o Sarau Literário, a Feira do Conhecimento, a Campanha da Fraternidade, e a Feira do Agronegócio. São eventos abertos à comunidade escolar e que muitas vezes recebem visitas dos alunos de outras escolas da cidade. Ao mesmo tempo as reuniões de pais normalmente têm baixa frequência principalmente no Ensino Médio. São poucos os pais que conseguem horário para acompanhar o desempenho dos filhos na escola.

A escola é muito bem conceituada, referência na cidade. Isso se deve ao fato de ser a única escola de Ensino Médio e Fundamental e portanto quase todos os jovens da cidade estão matriculados nela. Alguns tentam matrículas na cidade vizinha de Matão onde há oferta de vagas na Escola Técnica Estadual (ETEC) e no Instituto Federal de São Paulo (IFSP).

Diferente de muitas escolas nas quais trabalhei, os alunos, na maioria das vezes, preservam uma postura de respeito ao professor. Os horários tendem a ser mais respeitados e até mesmo no Ensino Médio os alunos entram na sala de aula de maneira organizada por meio de filas. Apesar disso ainda assim muitos estudantes no intervalo de uma aula para outra buscam ir para a porta interagir com alunos de turma diferente.

Outra característica importante é a ligação intensa estabelecida entre alunos e docentes. Apesar das frequentes trocas de professores de um ano letivo para outro existe

uma base que pouco se altera capaz de criar e manter vínculo com os estudantes. Claro que isso depende das relações que cada turma constrói com seus mestres, levando-as a escolher o professor representantes da classe. Leciono nesta unidade escolar há três anos, nesse período pude desenvolver algumas atividades pedagógicas extra-classe. Em 2017 organizei um grupo de Bate-Copo para apresentar no Sarau Literário. Em 2018 montei a sonoplastia para apresentação de um teatro no Sarau Literário em homenagem à Cora Coralina. Em 2019 propus a realização da intervenção pedagógica Integrando Música e Sociologia englobada esta pesquisa. A direção da escola instantaneamente demonstrou apoio, bem como a coordenação e os alunos. Alguns professores também se dispuseram a ajudar em alguns momentos do projeto. No entanto essas iniciativas tendem a ser muito solitárias, pelo fato não haver um projeto interdisciplinar que envolva todo o coletivo escolar.

Esses jovens divertem-se, sofrem, amam e pensam a respeito de suas condições e suas experiências de vida. Possuem desejos e planos de melhoria de vida:

Na trajetória de vida desses jovens, a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada como forma de comunicação e de um posicionamento diante de si mesmos e da sociedade. A música, a dança, o vídeo, o corpo e seu visual, dentre outras formas de expressão, têm sido os mediadores que articulam jovens que se agregam para trocar idéias, para ouvir um “som”, dançar, dentre outras diferentes formas de lazer. Mas, também, tem se ampliado o número daqueles que se colocam como produtores culturais e não apenas fruidores, agrupando-se para produzir músicas, vídeos, danças, ou mesmo programas em rádios comunitárias. (DAYRREL, 2007, p.1109).

1.3 Trabalhos Relacionados

Ao pesquisarmos a respeito do tema da gravação e composição musical dentro das salas de aulas encontramos a dissertação de mestrado de Graciano Lorenzi pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Apesar de sua área de concentração ser a Educação Musical podemos tomá-lo como a referência mais próxima deste estudo, pois existe como produção final um CD gravado no ambiente escolar dentro de uma prática criativa:

“ a perspectiva de unir a prática criativa em música, num ambiente colaborativo, incluindo o uso de recursos tecnológicos

no registro sonoro das composições, proporciona diferenciais pedagógicos nos processos composicionais”LORENZI, 2007, p.30).

Trata-se de um estudo que investiga a composição musical junto ao registro sonoro e sua finalização com a produção de um CD. Leva em conta a importância da atividade ter sido realizada na rede pública de seu estado, assim como o envolvimento dos adolescentes no processo criativo. Por isso considero esta pesquisa-ação uma referência, pois além de relacionar processos composicionais e inter-relações sócio-afetivas, nos mostra ser tangível produzir uma pesquisa que funda a identidade coletiva e a individual.

Seguindo esta relação entre música e aprendizado, a pesquisadora Erica da Silva Xavier defende a importância do uso das canções como elementos capazes de auxiliar o historiador na busca de compreender os homens do passado e como eles se estabeleceram.

Nesse sentido, atribui ao professor o papel de mediador que por meio do diálogo tenta atribuir novos significados aos conceitos históricos. O professor pode portanto, utilizar mediadores culturais (fontes históricas) com o objetivo de produzir uma interação entre um objeto da História e a expressão que os alunos irão formar sobre a História.

A partir desse entendimento, a tarefa de mediação cultural entre professor, aluno e novos conhecimentos pode se dar por meio da canção. A canção popular “tem ocupado espaço, como instrumento pelo qual se revela o registro da vida cotidiana, na visão de autores que observam o contexto social no qual vivem”(ABUD apud XAVIER , 2010,p.52).

A intenção de criar alternativas metodológicas buscando relação entre canção e ensino, segundo a autora, tem como objetivo fugir da ideia da História linear e cronológica, bem como demonstrar que a canção é um objeto da História.

Outro aspecto importante do trabalho da autora é considerar a canção entendida como expressão simbólica que torna-se memória. Ela é portadora de multiculturalidades, pois faz parte de “toda a gente”.Tendo isso em vista, por meio do seu uso em sala de aula, poderíamos trabalhar a possibilidade de ensinar usando-as com o fim de aproximar o aluno da História.

Pensando na diversificação no uso dos recursos didáticos o trabalho intitulado “Música em Aulas de Química: Uma proposta para a avaliação e a problematização de

conceitos” de Wilmo Junior e Leidiane Lauthartte (2012), perpassa pelo pensamento de que a música trata-se de um elemento motivador e facilitador do processo de ensino e aprendizagem de conceitos científicos. O lúdico se torna um importante instrumento no processo de ensino onde o professor pode oferecer possibilidades para a elaboração do conhecimento.

No caso estudado a proposta se dá em cima da produção de paródias como forma de contextualizar interdisciplinarmente o conteúdo, entendendo que as letras podem abordar diversos assuntos do cotidiano. Descontração e alegria foi o que se verificou no processo de aplicação das atividades, segundo o relato dos estudantes.

Vimos então que a intenção da paródia enquanto instrumento de ensino é despertar o interesse do aluno pela disciplina, concomitantemente negando o entendimento que defende a memorização como sinônimo de aprendizado.

1.4 Perspectiva de Contribuição

Este projeto tem como objetivo específico contribuir com a atuação docente da disciplina de Sociologia no Ensino Médio no sentido de produzir estratégias de ensino a fim de melhorar a apreensão dos conteúdo trabalhados. Melhor dizendo, ao estimulá-los oferecendo atividades de caráter musical, elaboração de composições autorais e seu consequente processo de gravação em sala de aula, é necessário que o professor vincule tais atividades aos objetivos da disciplina de Sociologia e igualmente caminhe em direção a uma educação para a sensibilidade (artística) dos alunos.

Quando olhamos em direção à conjuntura política de nosso país, que se encontra caracterizada cada vez mais por uma perseguição ao pensamento científico, aos professores e artistas entendemos a necessidade de ocupar espaços estratégicos para a difusão de conhecimento. A escola, por excelência, representa um desses lugares e está cotidianamente sendo disputada.

Este problema torna relevante o papel do docente, pois é ele quem deve propor soluções para os novos desafios da escola. Segundo Dayrrel (2007), muitas das tensões existentes na relação entre juventude e escola são expressões das tantas transições ocorridas na sociedade ocidental. DE acordo o autor: “quando o ser humano passar a se colocar novas interrogações, a pedagogia e a escola também têm de se interrogar de forma diferente” (DAYRREL, 2007, p.1107).

Como professor de Sociologia da rede pública estadual paulista desde 2011, defrontei – me com barreiras que desencadearam uma busca por respostas. Observei bons resultados em algumas práticas inserindo a música como ferramenta e, portanto, constatei a existência de grandes potencialidades. Suponho ser possível amplificar a voz desses alunos através de canções de autoria própria, mesclando a experiência de vida de cada um com os saberes contidos no currículo escolar. .

Para Souza (2003), a escola em diversos momentos se encontra esvaziada de suas finalidades educativas e, dessa forma, desvaloriza o conhecimento escolar. O autor defende uma reconfiguração com o intuito de estimular a prática pedagógica dos professores, com a finalidade de sensibilizar o aluno para o processo de aprendizagem. As mudanças legais e os desdobramentos no campo da prática têm se mostrado estéreis de sentido para os estudantes.

O aspecto distintivo deste projeto é o estímulo à autoria musical como uma nova maneira do aluno expressar o que aprendeu. Mais que isso, se torna um ponto sensível de conexão entre aquilo que o currículo de uma disciplina oferece e as vivências trazidas pelo sujeito. Ou seja, trata-se também de buscar outras percepções de mundo capazes de despertar sentido nesse processo de aprendizagem.

Há neste projeto um empenho em ressignificar papéis dentro da sala de aula desenvolvendo um estudo vinculado ao cotidiano escolar. Para isso, foi realizada uma pesquisa-ação, de natureza qualitativa. Além de levantamento de dados com o intuito de tomada de decisão ao longo do processo, foram utilizadas outras estratégias como: observação da atividade orientada, fotos, vídeos e análise das músicas.

Exploraremos conjuntamente, em certa medida, questões envolvendo o trabalho com música autoral dentro da sala de aula. Além disso a importância do uso das tecnologias de informação e comunicação no cotidiano escolar (TICs), bem como, o desenvolvimento do ensino de Sociologia no Ensino Médio.

Representando o resultado final, a gravação de um Extended Play (EP) com 3 composições autorais dos alunos acerca de temas que percorrem o atual Currículo do Estado de São Paulo, inseridos no 4º Bimestre do 3º ano do Ensino Médio: A desumanização e coisificação do outro; A Reprodução da violência; e o Papel transformador do sonho.

1.5 Organização da dissertação

Esta dissertação está organizada da seguinte forma: o primeiro eixo se refere à presença da Sociologia como disciplina no Ensino Médio. A segunda parte diz respeito ao uso das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) no espaço escolar. O terceiro eixo trata da Música como ferramenta pedagógica, apresentando experiências realizadas na escola, no sentido de elaboração de música autoral.

2.JUSTIFICATIVA

Diante do rico mosaico que configura a música popular brasileira existem muitas canções capazes de transpor de forma singular o universo social assim como toda complexidade contemporânea que nos cerca. Segundo Swanwick:

A música não somente possui um papel na reprodução cultural e afirmação social, mas também potencial para promover o desenvolvimento individual, a renovação cultural, a evolução social, a mudança. (SWANWICK, 2003, p.40).

Músicas como “Construção” e “Paratodos” de Chico Buarque, ”Fábrica” da Legião Urbana, “Rap do Silva” de MC Bob Rum, são recortes da realidade onde o artista, através da letra, em uma sequência de acordes e melodia, nos fornece elementos antes não notados, ou ainda experiências vividas antes não sentidas.

No seu livro *A Necessidade da Arte*, Ernest Fisher (1979) busca desvendar o início da arte e seus porquês. Fisher defende que a arte é o meio indispensável no sentido de conceber a união entre o todo e indivíduo e que esta reflete a capacidade humana para a associação, circulação de experiências e ideias. Ou seja, a arte nos permite identificar o todo, a estrutura social, assim como entender e enxergar a vida do outro indivíduo. Nos aproximamos do real, segundo Fischer, de maneira dialética.

Canções de crítica social e denuncia como “Cálice” de Chico Buarque e Gilberto Gil, censurada pela ditadura militar no ano de 1973 carregam em sua existência aquilo que o poeta alemão Bertold Brecht enxergava como essencial em toda obra de arte. Dizia que ao final do espetáculo o espectador deve estar em estado de estranhamento, pensando que o mundo deveria deixar de ser assim. Como explicita em sua peça “A exceção e a regra”: “Estranhem o que não for estranho / Tomem por inexplicável o habitual / Sintam-se perplexos ante o cotidiano [...]” (Brecht 1994, p.160).

Esse processo de estranhamento e desnaturalização da realidade descrito por Brecht, consiste em uma habilidade chave para a construção do olhar sociológico dentro da disciplina de Sociologia no Ensino Médio. Por meio dele podemos desenvolver o espírito crítico dos alunos, ampliar sua capacidade de observação da sociedade e ainda torná-los conscientes de que não há um olhar natural, que todos os olhares são sempre construção social.

Dito isso, naturalmente existem professores de Sociologia que buscam nessas músicas um material capaz de subsidiar aulas no sentido de sensibilizar alunos a identificar elementos que mostrem a diversidade nacional e regional; identificar situações de violência no contexto brasileiro, ou ainda identificar as transformações que afetam o mundo do trabalho e a vida dos trabalhadores.

De uma forma mais tradicional o uso da música pode acontecer através de um aparelho reproduzidor e um CD, com a letra e comentários do professor. Também permite que se utilize jogos ou brincadeiras. Existem professores que se apropriam das paródias como auxílio na fixação de conteúdo.(FERREIRA, 2002). A música desenvolve e desperta nos alunos percepções mais aguçadas na observação de questões próprias da disciplina alvo. Ou seja, trata-se de um grande recurso didático.

Temos então diversas maneiras de integrar a música com a Sociologia dentro da sala de aula, principalmente quando usada no início das reflexões que podem trazer um aprofundamento teórico posterior. A questão que este trabalho propõe é: será possível a conexão entre música e disciplina de Sociologia no Ensino Médio através de um projeto de composição autoral dos alunos? Ou seja, a produção e composição autoral deles como produto final de um trabalho anterior de pesquisa e reflexão poderia nos dar quais resultados? A busca por essa resposta se dará ao longo da pesquisa que irá propor uma intervenção pedagógica baseando-se no Currículo de Sociologia do estado de São Paulo. Este projeto tem como objetivo contribuir para melhorar as condições hoje existentes na atuação docente da disciplina de Sociologia no Ensino Médio no sentido de produzir estratégias de ensino a fim de melhorar a apreensão do conteúdo. Ou seja, ao estimular e oferecer atividades de composição musical e seu consequente processo de gravação em sala de aula, é necessário, enquanto professor, vincular essas atividades aos objetivos da disciplina de Sociologia e igualmente caminhar em direção à educação da sensibilidade (artística) dos alunos.

Proponho como centro do trabalho uma ação musical coletiva dentro das aulas de Sociologia no Ensino Médio, mais especificamente no 3º ano. Essa ação musical coletiva será materializada em um CD de composições feitas pelos próprios alunos e um festival com o intuito de apresentar e compartilhar o material com a comunidade escolar.

3.METODOLOGIA

A pesquisa-ação foi a metodologia que julgamos mais adequada para pesquisar processos pedagógicos de composição no Ensino Médio ligado aos temas curriculares de Sociologia tendo como resultado final a composição de canções.

As fontes de pesquisas foram obtidas por meio de pesquisa de campo direta e análise de composições. Utilizamos fontes primárias como fotografias, músicas e dissertações, como f secundárias livros, revistas e artigos.

A pesquisa-ação foi possibilita apontar a presença do autor e a interação de outros atores na produção de conhecimento a respeito do tema pesquisado. Portanto, foi possível apropriar-se das ferramentas e informações necessárias para realização do estudo, segundo metodologia escolhida.

De acordo com Thiollent (1996, p. 14) a pesquisa –ação pode ser descrita como:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problemas estão envolvidos de modo cooperativo ou participativos.

A pesquisa-ação prevê o estímulo à colaboração dos atores sociais comprometidos na pesquisa, o que não obrigatoriamente acontece em outros diferentes tipos de pesquisas, sendo capaz de utilizar apenas a observação participante. Conforme Thiollent: “a pesquisa-ação é realizada em um espaço de interlocução onde os atores implicados participam na resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação” (THIOLLENT, 2002, p. 4). Thiollent (1996, p.16) nos mostra quando a pesquisa-ação deve ser adotada como estratégia metodológica em pesquisas sociais destacando seis aspectos:

- a) por uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
- b) desta interação resulta a ordem de problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;
- c) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontradas nessa situação;
- d) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos em esclarecer os problemas da situação observada;

e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;

f) a pesquisa-ação não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo). Pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento, ou o 'nível de consciência', das pessoas e dos grupos considerados.

A partir desses pressupostos da pesquisa-ação temos uma ideia mais clara do que se quer desenvolver com este projeto: uma pesquisa centrada na realidade escolar, envolvendo sua comunidade, voltada para a transformação da realidade local.

De maneira detalhada Thiollent (1996) reitera que a temática inicial que dá forma à sua pesquisa-ação é a "fase exploratória", que tem como propósito descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas, e estabelecer o primeiro levantamento da situação, dos problemas prioritários e de eventuais ações. A "escolha do tema" da pesquisa se configura como um tipo de compromisso entre a equipe de pesquisadores e os elementos ativos da situação a ser investigada. Outra temática é a "colocação dos problemas", de acordo com o marco teórico-conceitual adotado. Concomitantemente é necessário "definir o lugar da teoria" como motivo de geração de ideias, hipóteses, ou diretrizes para orientar a pesquisa e as interpretações e a "construir de maneira suavizada as hipóteses de investigação" (THIOLLENT, 1996, p56).

Outros temas relevantes para Thiollent (1996, p. 69) são: "construção do plano de ação"; "percepção quanto a capacidade de aprendizagem", que aqui está associada ao processo de investigação; "estudo da relação entre saber formal e saber informal" a fim de determinar a estrutura de comunicação entre os dois universos culturais (dos pesquisadores e dos interessados).

Agregado a isso, há a "delimitação de observação, amostragem e representatividade qualitativa", a "coleta de dados" e a "realização do seminário", que tem por função examinar, debater e tomar decisões acerca do processo de investigação, no qual se reúnem as informações coletadas e se discutem as interpretações. Finalmente, existe a "divulgação externa", além do retorno da informação aos grupos implicados. É de extrema relevância para compreensão acerca da construção da pesquisa-ação, de acordo com Thiollent (1996, p.72), a apropriação destes temas.

Para Thiollent (1996) o desenvolvimento da pesquisa-ação enquanto estratégia de conhecimento, as circunstâncias de apreensão da informação empírica são caracterizadas

pela forma coletiva do processo de investigação: uso de técnicas de seminário, entrevistas coletivas, reuniões de discussão com os interessados.

Ainda segundo o autor, no ponto de vista da pesquisa-ação, há uma constatação do papel ativo dos observadores no caso investigado. Portanto, o campo da objetividade se dá de forma diferenciada em relação ao padrão observacional da pesquisa clássica constantemente induzido pela filosofia positivista. No entanto, para que uma ação seja realizada, não basta apenas vontade subjetiva. A partir da observação, da análise da conjuntura e por meio de uma avaliação das possibilidades é possível elaborar uma ação que corresponda às exigências da situação.

No caso da pesquisa-ação a noção de relatividade observacional substitui a clássica noção de objetividade estática. Nessa condição a realidade não é fixa e o observador desempenha um papel ativo na captação de informações.

Outro ponto de interesse é que os membros que vivenciam a situação-problema não são considerados apenas meros informantes. Ele podem exercer um papel questionador, fazendo perguntas e buscando esclarecer assuntos coletivamente investigados.

A percepção da pesquisa, para Thiollent (1996), não se limita a uma metodologia estritamente limitada à sua forma empiricista e quantitativista. É necessário criar um cenário aberto para os procedimentos de argumentação e interpretação, baseando-se na discussão coletiva. Existe uma hipótese orientadora capaz de traçar diretrizes norteadoras do questionamento em busca de informações relevantes. No entanto essa comprovação permanece aberta ao diálogo entre interlocutores traçando paralelos entre diferentes conhecimentos.

Por fim, ao escolher essa perspectiva, procura-se uma metodologia que seja capaz de realizar a articulação entre o conhecer e o agir. O agir transmite algo que gira em torno da transformação de conteúdo social. O conhecer deve ter como ponto de partida a reunião de todas as informações disponíveis da população desde faixa etária, até hábitos de consumo. Porém, este não pode ser o produto final. Deve-se ir mais além a fim de romper o domínio tecnocrata valorizando o saber informal quando em relação com o saber formal, buscando dessa maneira o enriquecimento mútuo.

3.1 Plano de Ação

O projeto teve como intenção a criação de composições autorais e coletivas dos alunos como forma de ampliar sua imaginação sociológica, assim como abrir caminhos para apropriação dos conteúdos programáticos do currículo. Dessa forma reafirmar o compromisso da disciplina de Sociologia com um ensino que visa a atuação cidadã das futuras gerações.

Ao pensar criticamente na elaboração deste planejamento e sua realização, considerei a possibilidade de gerar mudanças no ambiente escolar. Porém, também é necessário manter uma postura aberta à diversidade na relação dos alunos com a música e levar em conta que uma atividade realizada fora da sala de aula pode gerar outros resultados.

Primeiramente separei algumas das aulas do bimestre para sensibilização musical desses alunos. Dessa maneira podemos ampliar o universo musical de crianças e adolescentes pelo envolvimento direto com música. Nesse ponto, novamente, é interessante pontuar a visão de Koellreutters em relação à educação de um fazer musical: “A minha maneira de trabalhar parte sempre do aluno, dele para mim, e não o contrário. O assunto das aulas resulta sempre de um diálogo, de uma discussão entre dois pólos: clientela e professor” (KOELLREUTTER, 1997, p.134).

Para essa sensibilização inicial recorri ao método de ensino de música chamado “O Passo” desenvolvido pelo professor carioca Lucas Ciavatta. O objetivo principal deste método é a aquisição do swing presente no fazer musical popular brasileiro por meio da música e do corpo. O Passo é orientado por quatro principais eixos (corpo, representação, grupo e cultura), introduzindo no ensino-aprendizagem de ritmo e som novas abordagens como espaço musical e posição. Esse método tem como perspectiva a inclusão e a autonomia do estudante:

Preocupava-me também um fator de exclusão que, especialmente no Brasil, me parece, deve ser encarado com toda gravidade que ele indica: possuir ou não os meios. Refiro-me a todo e qualquer recurso material cuja ausência, em alguns casos, inviabiliza o processo de ensino-aprendizagem. (CIAVATTA, 2009, p.19).

Desse modo uma das grandes forças deste método é fundamentar-se em um recurso natural inerente a todo ser humano que é o andar. Os exercícios incluem palmas, passos e sons produzidos com o corpo feitos de forma cooperativa, que se tornam

ferramentas para a construção do conhecimento. Nesse caso apropriação de ritmos e sons presentes na música brasileira.

Outra escolha importante dentro do plano de ação foi trabalhar a vida de Carolina Maria de Jesus e sua obra principal “O Quarto de Despejo” em algumas aulas. A proposta é identificar trechos da obra que nos façam refletir sobre a desumanização do outro, coisa que ela conseguia observar e colocar no papel de maneira profunda.

Sua sensibilidade na escolha das palavras e o olhar sempre atento aos acontecimentos ao redor trazem boas discussões para sala de aula. Mais especificamente a história em quadrinhos “Carolina” de Sirlene Barbosa e João Pinheiro publicada no ano de 2016, descreve seu percurso desde a infância em uma vida que foi atravessada pela miséria e pela fome.

Logo após esse período de sensibilização dos alunos foi necessária a divisão dos temas e dos grupos para apresentação do seminário. Essa apresentação a partir dos temas centrais alicerçaria seus respectivos conceitos e teorias. Por meio de reuniões foi possível lapidar junto aos alunos suas pesquisas definindo aquilo que fosse mais importante para o trabalho.

Isso posto remeto-me à contribuição da professora Viviane Beineke do Centro de Artes da Universidade do Estado da Santa Catarina (UDESC) , em seu artigo denominado “Ensino musical criativo em atividades de composição na escola básica” nos revela o seguinte:

Compor, apresentar e criticar música em sala de aula: cada um desses momentos contribui para que as dimensões da aprendizagem criativa se articulem, num processo que se transforma e atualiza num movimento cíclico em espiral, isto é, na repetição de um ciclo que se renova, se transforma e se atualiza no seu processo. Dessa forma, as composições das crianças refletem os encontros, influências e também as tensões provocadas na negociação intersubjetiva de ideias de música e formas de participação social na aula no decorrer do processo de ensino e de aprendizagem. Como explica Martinazzo (2005, p. 206), esse processo de entendimento compartilhado está na base da constituição de construções sociais e pedagógicas, emancipadoras e democráticas, em que professores e alunos podem transformar-se em sujeitos-atores do aprender juntos. (BEINEKE, 2015, p. 42-45)

No sentido de favorecer o processo composicional, e com base na experiência desenvolvida por Lorenzi (2007), organizei as ações coletivas de composição em 4 fases:

Figura1- Fases da intervenção pedagógica

Fases	Temáticas desenvolvidas	Processos e tecnologia	Número de encontros
Fase 1 Introdução	Introdução geral, integração do grupo, conversas com os adolescentes, compartilhamento de idéias, estabelecimento de objetivos, prazos e produto final, divisão dos grupos e temas.	Apresentação em slides via projetor da obra de Carolina Maria de Jesus	1,2 e 3
Fase 2 Sensibilização musical	Discussão do perfil da composição em cada grupo, conversas com os adolescentes, início da sensibilização musical, Canto Coral.	Utilização da quadra para atividade de “O passo”.	4, 5 e 6
Fase 3 Composições com letra	Composição de 3 músicas com letra, conversa com os adolescentes, gravação e ensaios.	Gravação no pre-eliminar pelo celular; utilização do laboratório de informática.	7,8,9
Fase 4 Apresentação das canções/Gravação/Encerramento	Apresentação das canções e seminários em sala de aula, gravação e registro, encerramento	Computador, projetor e equipamentos de áudio.	10 e 11

Fonte: elaboração do autor.

3.2 CRONOGRAMA

Figura 2- Cronograma de atividades

ANO	2018						2019						2020
ATIVIDADE PERÍODO	2° Tri		3° Tri		4°Tri		1° e 2° Tri		3° Tri		4° Tri		1° Tri
Escolha do Tema	X												
Levantamento de literatura		X			X	X							
Montagem do Projeto			X	X	X		X	X					
Coleta de dados									X	X	X	X	
Tratamento dos dados									X	X	X	X	
Elaboração do Relatório Final										X	X	X	
Revisão do texto							X	X		X		X	
Entrega do trabalho													X

Fonte: elaboração do autor.

4. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Analisando o cenário nacional atual, observamos o fortalecimento de ações e movimentos de caráter reacionário e conservador em múltiplos campos, mais especialmente na educação. Iniciativas como o chamado “Escola sem Partido” ou então campanhas de políticos ultraconservadores e setores religiosos em oposição à chamada “ideologia de gênero”. Enquanto a primeira luta contra o que viria ser uma doutrinação ideológica esquerdista nas escolas, a segunda usa de preconceitos enraizados de origem reacionária, machista e LGBTfóbica para defender o suposto núcleo familiar divino.

Iniciativas ultraliberais como Movimento Brasil Livre (MBL), ganham espaço direcionando pautas pelo estreitamento da luta pela garantia e ampliação de direitos sociais. Aos poucos a agenda política fundada nos direitos sociais e defesa da democracia se esvai criando um clima cultural de caráter conservador (MARTINS; GROppo; BARBOSA 2018). Este cenário se desenvolve cada vez mais tenso com o corte nos investimentos e a precarização cada vez maior dos serviços públicos esgarçando o já grande precipício da desigualdade social no Brasil.

Tendo isso em vista, os jovens das comunidades populares, os quais muitas vezes precisam trabalhar para manter suas famílias, são sujeitos calcados pela lógica do capital. Quando pensa em seu trabalho, pensa na possibilidade de ascensão social. Nesse sentido não podemos perder de vista que a formação dessa juventude não é um processo natural como escreve Groppo:

Juventude é, sobretudo, uma categoria social e não uma característica natural do indivíduo. Na modernidade, a juventude tende a ser uma categoria social derivada da interpretação sócio cultural dos significados da puberdade, este sim, um fenômeno natural e universal que, no entanto, pode adquirir pouca importância conforme a sociedade em que ocorre. (GROppo, 2004, p.11)

Portanto é necessário uma análise social e histórica para abordar o conceito de juventude relacionando com a categoria de classe social. Estes jovens não podem ser encaradas como uma massa homogênea. Cada um é diferente do outro. Isso ocorre pelo fato de que cada ser, dentro do capitalismo é definido também pela estrutura que o cerca, ou seja, sua classe social. Em uma sociedade dividida por classes os acessos à educação, cultura, lazer, oportunidades econômicas são escassas e mal distribuídas. Isso ocorre pois

o interesse dos grandes grupos do capital tende a ser: mão de obra barata para o máximo de exploração de seu trabalho.

Nesse ponto, é determinante a visão do professor perante a essa realidade. Dificilmente a escola e a sociedade se moverão enquanto não encaramos esse debate. Cada aluno vem com diferenças na estrutura de sua formação e isso pode se tornar proveitoso e rico culturalmente se a escola e os professores estiverem preparados para enxergar.

Porem dentro destas diferenças que toda família carrega, há também um não cumprimento de garantias e direitos básicos por parte do estado e que a sociedade fecha os olhos pois assim é possível manter os privilégios. Privilégios esses que são definidos ou não pela classe social do sujeito. Dado a forma que tratamos nossos jovens da periferia e os que estão no “asfalto”.

Isto posto, a escolha do referencial teórico metodológico passa pelo conceito de atividade introduzido por Hegel e que mais tarde veio a ser desenvolvido por Karl Marx. Neste momento o homem não é mais produto da história, mas também um transformador da natureza e um criador. Ele é capaz de mudar sua própria realidade a partir de suas necessidades. O caminho traçado a partir deste trabalho foi o de tentar identificar essas necessidades para que este jovem possa apropriar-se de suas próprias ações.

Em conformidade com a melhoria do processo de aprendizagem que todo ser humano vivencia ao frequentar uma escola, é necessário conhecer os alunos e suas necessidades, considerar a sua construção histórico-cultural e seus hábitos. O professor deve identificar os conhecimentos prévios que os alunos têm da sua disciplina, partir das necessidades apresentadas por eles relacionando com o conteúdo e, assim, trabalhar com objetivo em comum, bem como estabelecer normas relacionais entre ele e os alunos.

No entanto, a fim de nos aprofundarmos nessa discussão, nos ancoraremos nos estudos dos processos psicológicos humanos empreendidos por um grupo de estudiosos que contribuiu para o estudo do desenvolvimento da mente e servem como referencial teórico básico sobre a Teoria Histórico-cultural: Vygotsky (2010), Leontiev (1978), Davydov (1988) e Repkin (2003). Esses pensadores formularam conceitos teóricos acerca da atividade de estudo, que versam sobre uma representação efetiva de aprendizagem da personalidade, de sua estrutura, e das leis e condições em que essa personalidade é produzida no processo de ensino. (REPkin, 2003)

Repkin defende que a origem sobre o conceito de atividade desses pensadores está ligada diretamente a Marx, e que ele buscou esse elemento na filosofia alemã. Os pensadores alemães no final do Século XVIII introduziram a categoria de atividade, apresentada mais integralmente por Hegel. Antes desse conceito os seres humanos eram vistos como dependentes das circunstâncias. Isto é, a mente das crianças era considerada uma “tábula rasa” onde a responsabilidade do indivíduo sobre o próprio destino beirava ao mínimo. Ao tentar entender o ser humano não como um mero objeto passivo às circunstâncias, mas como um agente ativo capaz de criar o mundo em sua volta, idealizou-se a introdução da categoria de atividade.

Ainda segundo o autor, a importância do marxismo, além de apontar o potencial e as fontes do desenvolvimento humano e considerar a atividade como base de toda vida dos seres humanos, foi também mostrar que eles não são escravos das circunstâncias e considerar a liberdade como manifestação da capacidade de mudar e criar a própria vida.

Portanto, no sentido de buscar o entendimento do conceito de atividade de estudo, como define Davydov (1988), torna-se necessário compreendê-la. A primeira dimensão da atividade equivale às necessidades, tarefas e objetivos. A segunda consiste nas ações e operações segundo sintetizou Leontiev (1978). Desse modo a efetivação de uma atividade envolve sujeito, objeto e ferramentas. Consequentemente dessa premissa surge a teoria psicológica da atividade que demanda investigar como as suas formas sociais afetam o desenvolvimento do psiquismo humano.

Ao estudar como a consciência se constitui, Vygotsky (2010) considera fundamental entender a conexão entre história social como instrumento que molda a estrutura das formas de atividade que distinguem os homens dos animais. Ou seja, é nas relações sociais que o indivíduo mantém com o mundo exterior que se torna possível encontrar as origens das formas de comportamento consciente. Por isso o trecho a seguir nos mostra que a aprendizagem escolar se inicia em um caminho já começado, no caso, a pré-história do aluno e o seu contato com a cultura e com os hábitos:

Tomemos como ponto de partida o fato de que a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar. A aprendizagem escolar nunca parte do zero. Toda a aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história. Por exemplo, a criança começa a estudar aritmética, mas já muito antes de ir à escola adquiriu determinada experiência referente à quantidade, encontrou já várias operações de divisão e adição, complexas e simples; portanto, a criança teve uma pré-escola de aritmética (Vygotsky, 2010, p.109).

Para Davydov (2003) é do movimento social ao individual que ocorre a apropriação dos conceitos e significações, assim, a apropriação se dá a partir das experiências sociais da humanidade. Desse modo, a aprendizagem não ocorre espontaneamente e não está relacionada apenas com as condições biológicas, porém ela é mediada culturalmente pelo sujeito.

Ao observarmos a escola, torna-se cada vez mais evidente que o sistema tradicional de educação estabelecido é ineficaz. Segundo Repkin (2003), essa ineficácia não se dá apenas pelo sistema ser caro e complicado, a falta de efetividade reside também no fato de que as tarefas educacionais são puramente funcionais. Sendo assim são incapazes de gerar impulso necessário para o desenvolvimento humano e adequado ao autodesenvolvimento. Portanto é necessário a busca de alternativas à educação tradicional e esse caminho somente pode existir através de um ensino humanista e desenvolvnte.

Nesse aspecto, é preciso criar uma atividade de estudo nos alunos em relação à Sociologia. Para El'konin (1960 apud REPKIN, 2003) o aspecto distintivo da atividade de estudo é que o seu resultado não está relacionado com objeto que a pessoa opera, mas em uma mudança no sujeito da atividade. E esta é a diferenciação da atividade de estudo das demais. . A atividade de estudo em Sociologia tem como objetivo a transformação do sujeito e do seu olhar para sociedade, bem como, a sua emancipação: "A posição do aluno não é simplesmente a de alguém que frequenta a escola e conscientemente executa as instruções do professor e faz sua lição de casa, mas a posição de alguém no processo de melhorar a si mesmo" (ELKONIN, 1989, p. 249 apud DAVYDOV, 2002, p. 248).

A atividade de estudo deve ser entendida como uma atividade com o objetivo de gerar autotransformação do sujeito. Ele ser considerado uma forma estabelecida da existência de atividade, estes conceitos de atividade e sujeito estão estreitamente interligados. (REPKIN, 2003).

A atividade deve ser entendida como uma resposta à necessidade do aluno. Desse modo, é preciso identificar a que tipo de necessidade a atividade responde. Caso ela não exista , o adolescente pode até aprender Sociologia, porém sua aprendizagem não pode ser classificada como atividade, pois essa necessidade não incentivou novos tipos de atividade.

A necessidade em si não é suficiente para produzir atividade. O encontro com um objeto deve acontecer. Esse objeto, que é capaz de satisfazer a necessidade, é o estímulo direto. Na psicologia isso é

chamado de motivo. Cada tipo de atividade está associado com motivos específicos. Para caracterizar uma necessidade, precisamos caracterizar um motivo. Além disso, os motivos cumprem uma dupla função: primeiro, a função de estímulo (um tipo especial de ímpeto ou tônica energizantes) e, segundo, a função de formação de significado, o que dá à atividade da pessoa um significado relacionado com a personalidade. (REPKIN,p.9, 2003).

Portanto, o aluno deve ser um sujeito ativo no processo de aprendizagem a fim de que exista a atividade de estudo. O interessante dessa atividade se encontra em sua característica ímpar: desenvolver novas funções psicológicas no indivíduo.

Para isso, o papel do professor deve ser apresentar aos alunos atividades que proporcionem a reconstrução, no plano do pensamento, do movimento dialético do objeto de estudo, isto é, no procedimento de apropriação do conhecimento, deve ocorrer a representação da trajetória histórica de elaboração do conceito considerando os estudantes “coparticipantes da busca científica” (Davidov, 1988, p. 169).

Portanto, a tarefa do professor de estruturar atividades de estudo torna-se complexa e dificultosa, na medida em que se reivindica dele certo conhecimento sobre comportamentos e funções psicológicas dos estudantes. Mais que memorização, representação e reprodução, é necessário, dentro das ações propostas, que elas produzam alterações mentais.

Os objetivos, as atividades e as ações foram elaboradas de maneira a orientar o desenvolvimento do pensamento dos alunos sobre o tema abordado. A compreensão dos conceitos científicos e a formação do pensamento estabelecem a base do estudo e consequentemente, do processo de ensino-aprendizagem. Dessa maneira, a sistematização das atividades propostas procurou direcionar o raciocínio do geral para o particular, do coletivo para o individual e do abstrato para o concreto. Dessa forma, o professor não se apresenta como o único a mediar a relação do aluno com o conhecimento. Os alunos, interagindo de maneira colaborativa ampliam as zonas de possibilidades de aprendizagem e de desenvolvimento.

À vista disso, fica claro na visão desses autores a necessidade da ação dos professores caminhar na direção de identificar motivos os quais tenham conexão com o objeto de estudo e ao mesmo tempo, tenha significado apropriado ao aluno bem como o estimule a desempenhar e construir o papel de sujeito na ressignificação de si mesmo e do meio escolar.

Portanto, tendo em vista os subsídios dados pela Teoria Histórico-Cultural em relação aos procedimentos pedagógicos e didáticos expressados na Teoria do Ensino Desenvolvimental, a busca desta pesquisa se dá considerando determinados conceitos sociológicos firmados na Proposta Curricular do Estado de São Paulo para a disciplina de Sociologia, nosso objeto de estudo.

Dentre os conceitos e habilidades tomadas como essenciais para o 4º bimestre do 3º ano do Ensino Médio no currículo estão: Abordar a problemática da reprodução da violência por meio de sua banalização; Questionar o lugar do ser humano em meio ao conflito social, à intolerância religiosa, ao racismo e à desigualdade social; Reconhecer os problemas da individualização na sociedade contemporânea; Compreender o que significa a desumanização e a “coisificação” do outro e quais os fatores que contribuem para esses fenômenos; Resgatar a especificidade da condição humana e dos direitos fundamentais à vida, à liberdade, à dignidade, à pessoa e às condições mínimas de sobrevivência; Estabelecer uma reflexão crítica acerca da importância do sonho e da esperança como motivadores da ação transformadora da realidade social.

Com o intuito de contentar essa demanda curricular o processo para por em prática dentro dos pressupostos da Teoria da Atividade foi planejado da seguinte forma:

Para qualquer atividade do sujeito é preciso que haja necessidade, vontade e desejo. Ou seja, é preciso alimentar o corpo com algo que está fora do sujeito. O projeto de música na disciplina de Sociologia torna-se o motivo desta atividade. Lembrando que este foi um pedido dos alunos por já terem sido inseridos em atividades com música na sala de aula em ocasiões anteriores.

A partir de então, foi necessário planejar uma direção no sentido de formar ações apropriadas motivadas pelo motivo do sujeito. O professor estrutura essa atividade, sugere aos alunos a composição e a gravação de músicas com as temáticas levantadas pelo currículo de Sociologia. Este passa a ser nosso objetivo dentro da organização básica da Teoria da Atividade.

Não obstante, para tal objetivo ser alcançado é necessário ferramentas, procedimentos, ações e operações que possam conectar os homens com outros homens ou com outros objetos. Portanto de acordo com o motivo geral, cria-se um sistema de tarefas de estudo começando pelas menos complexas indo para as mais complexas.

Por fim, temos o processo de tomada da realidade frente a realidade social com a materialização na forma de cultura autoral. As composições surgem como sinonimo dessa materialização levando o nome de objetivação.

Com toda certeza estes conteúdos apresentam significado social e histórico. Entretanto, isso não quer dizer aquisição automática de sentido para os sujeitos sociais. É necessário determinar relação, realizar atividade, segundo (LEONTIEV apud MENDONÇA, 2011, p. 351), entre significado e o sentido, entre o mundo real e os sujeitos.

A organização da atividade se dará mediante o uso de ferramentas que farão parte da construção da ponte de sentido necessária entre o sujeito e o mundo objetivo. A composição de músicas autorais assim como as novas tecnologias de informação e comunicação serão arranjadas em um planejamento de atividades que seja capaz de desenvolver propositalmente nos alunos as bases da consciência e do pensamento teórico da mesma maneira que favorece o desenvolvimento de sua personalidade. (DAVYDOV, 1999).

Pode-se considerar a atividade de estudo como de aprendizagem, pois, ambas definições de estudo e aprendizagem para Davydov são equivalentes à atividade de estudo. A atividade de estudo está relacionada no domínio individual das capacidades humanas. Se o adolescente tem a necessidade de desenvolver habilidades, a atividade de estudo é uma resposta a ela. É necessário olhar em direção à estrutura da atividade de estudo, e ressaltar como unidade de análise o ato integral da atividade. Esse segmento da atividade de estudo começa com a formulação da tarefa de estudo e termina com sua solução. Quando os adolescentes tentam solucionar alguma tarefa, mas não conseguem ou se veem incapazes de resolvê-la, surge uma situação problema. (REPKIN, 2003)

A situação de aprendizagem/estudo surge em uma personalidade desenvolvida com uma hierarquia definida de valores, em que o autoconhecimento ocupa lugar importante, a auto-avaliação como sujeito (a autoestima "Eu"). Portanto, as tentativas de encontrar as fontes do desenvolvimento da atividade de estudo em situações de ensino, tanto mais no ensino de crianças pequenas, estão condenadas ao fracasso. O que existe em nossas escolas é um tipo de atuação muito distante da atividade de estudo. A transformação de uma situação problema em uma situação de estudo é a fase preliminar no ato da atividade de estudo. O desenvolvimento da atividade de estudo começa com a análise da situação de estudo. (REPKIN p.15, 2003).

A situação de estudo surge a partir de uma situação de desconforto. Com a solução da tarefa surgem sentimentos como alívio, ou seja, uma reação emocional positiva, relacionada com a satisfação consigo mesmo. Esta relação emocional é importante para a situação de estudo, pois ela estabelece bases com intenções para futuras atividades de estudo. (REPKIN, 2003).

A escolha por esse caminho teórico perpassa pelo entendimento da importância do processo durante a execução da tarefa de estudo. Por valorizar a reestruturação da personalidade do aluno, concebendo uma transformação qualitativa em sua vida além de proporcionar desenvolvimento afetivo, intelectual e volitivo em sua personalidade. Corroborando com Davydov (p.104, 2003) “educar seria proporcionar ao aluno em encontro pedagógico com os conceitos; a formação de uma visão de transformação e de movimento contínuo da realidade humana.” Nessa direção Liberali, (2009) mostra os componentes de uma atividade social:

Atividade Social é constituída por agentes (sujeito) que percebem suas necessidades, são motivados por um propósito (objeto), o qual é mediado por artefatos (instrumentos) por meio de uma relação entre indivíduos (comunidade), que se constitui por regras e por divisão de trabalho. (p.19).

O desenvolvimento de atividades sócio-histórico-culturais aponta desenvolver instrumentos conceituais para a compreensão de diálogos, de múltiplos aspectos e de influência mútua que, a partir de pontos de vista conflitantes, geram conflito, necessidade de tradução e negociação de modo a chegar a um novo conhecimento.

5. SOCIOLOGIA

Em meados do Século XIX, nas grandes cidades ocidentais, em meio às Revoluções Burguesas e enquanto as primeiras experiências de modernidade industrial dão as caras, desponta a Sociologia. Sentia-se a necessidade de desenvolver novas técnicas que pudessem de alguma maneira administrar as novas cidades povoadas por muito mais pessoas e muito mais obras. O nome nasceu do estabelecimento da tradição positivista. Augusto Comte teria sido seu usuário inicial e defendia as atividades da ciência para os problemas resultantes da nova ordem industrial.

Ao invés de um conhecimento que apenas analisa e explica, a Sociologia, além de explicar deve aplicar a partir de um diagnóstico. A Sociologia é, portanto, o estudo do comportamento social e da vida, sobretudo em relação aos sistemas sociais, como eles funcionam, como mudam, as consequências que produzem e sua relação complexa com a vida dos indivíduos. É a ciência social que se interessa pela ligação entre as ações humanas e o contexto histórico em que estes eventos ocorrem.

Um dos desdobramentos da teoria sociológica relaciona-se diretamente com o campo da educação. Para além do fato de muitos sociólogos se tornarem professores, existe uma composição entre a sociologia e a educação, a sociologia da educação, que caminha na direção a compreender cientificamente a sociedade se transpõe em um grupo de necessidades que dialogam com a formação do homem que vai atuar nela, no caso, o cidadão.

No entanto, antes de tudo, é importante manifestar a preocupação com o desenvolvimento de uma investigação que busque conhecer as implicações da presença da Sociologia no ambiente escolar, o que nos leva a identificá-la como primeiro objetivo específico desta pesquisa.

Nesse sentido, o espaço escolar tem sido objeto de muitas análises das Ciências Sociais. A começar pelos clássicos, em especial Durkheim, a reflexão sobre a Sociologia tinha como objetivo investigar as representações do senso comum e relativizá-las. Logo, este seria o principal motivo para a existência da disciplina. No entanto, Durkheim não observou que novos significados para as categorias presentes no senso comum poderiam ser gerados por meio das análises sociológicas, bem como, reincorporados mesclando novos e velhos significados.

Portanto, partindo da capacidade de formação de novos significados a partir de análises sociológicas sobre o espaço escolar e da socialização das reflexões específicas da área, este projeto se propõe dentro da disciplina de Sociologia a, no mínimo, encarar desafios intrínsecos ao meu papel em sala de aula:

Quando transita para o ensino, espera-se que o professor de Sociologia, ou o sociólogo que ensina, tenha uma visão panorâmica da Sociologia e consiga, inclusive, propor diálogos com outras disciplinas curriculares. Além, é claro, de ser criativo em suas aulas, construir o sabor pelo saber em seus alunos e desenvolver estratégias de ensino inovadoras. Tarefa nobre, mas difícil. Ser professor de Sociologia é, antes de tudo, viver em um espaço de disputa e desfrutar dos dilemas e das certezas presentes em qualquer relação pedagógica. (ROSISTOLATO, 2012, p 9).

Levando em conta essas noções básicas e norteadoras para o professor de Sociologia elencadas pelo antropólogo Rosislato (2012), este trabalho se fundamenta em um tom propositivo apresentando alternativa para a prática pedagógica.

No Brasil, tendo em vista a grande intermitência da disciplina de Sociologia nos currículos oficiais, é possível dizer que o processo de amadurecimento em relação a conteúdos, recursos e metodologias pode ter sido dificultado devido aos períodos sem a sua presença nas bases curriculares. Se em determinados momentos em que a disciplina esteve totalmente excluída da grade curricular em outros fez parte da grade curricular.

Como disciplina da educação básica a Sociologia foi reconhecida na virada do século XX, primeiramente inserida no Ensino Secundário para depois integrar a grade curricular do Ensino Superior. O historiador Benjamin Constant, então Ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos de Floriano Peixoto, propôs a institucionalização da disciplina embuída em uma reforma do ensino.

Apesar de figurar nas discussões sobre a grade curricular, a Sociologia não foi inserida devido à morte de Benjamin Constant. A disciplina apenas voltaria ao ensino secundário como obrigatória perante a Reforma de João Luis-Rocha Vaz no ano de 1925.

Incluída nos cursos de magistério em 1928, em 1931, com a Reforma Francisco Campos, houve uma ampliação do ensino de Sociologia em nível secundário elevando a possibilidade da formação mais humanista para os alunos. (CARVALHO, 2004)

Em 1930, observou-se as primeiras escolas de nível superior de onde saíram os primeiros sociólogos do Brasil, como a “Escola de Sociologia e Política de São Paulo – ESP e a Universidade de São – USP.

Entre os anos de 1942 à 1960 as Ciências Sociais vão enfraquecendo pouco a pouco, porém em 1961 foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB n. 4.024, a primeira do país que garante a disciplina de Sociologia nos cursos secundários regulares. Logo em 1964, com o Golpe Militar, a disciplina foi afastada dos currículos até o ano de 1981.

No ano de 1982, ainda como disciplina optativa nos cursos secundários, voltou a figurar na grade curricular por meio do projeto de Lei 7.044 de 1982.

A situação da Sociologia passou a ficar mais clara na década de 1990 com a promulgação da nova LDB, Lei 9.394/96, onde tivemos mudanças significativa na educação brasileira e incluído sua obrigatoriedade. Além disso houve a concretização das DCEM (Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, documento debatido e regularizado dentro do Conselho Nacional de Educação.

Da mesma maneira, o Ministério da Educação (MEC), no ano de 1999 apresenta os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio os (PCEM), que oferece conteúdos conceituais de Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas. (SANTOS, 2004)

No ano de 2004, surgem as OCEM-Sociologia. Trata-se de um importante documento com diretrizes elaborado a pedido do MEC, pela sociedade científica e intelectuais ligados ao ensino de sociologia equipe essa orientada por Amaury Moraes. E, a partir da criação de um Grupo de Trabalho no Congresso Nacional de Educação - CNE do ano seguinte, a elaboração deste registro busca beneficiar o debate sobre a inclusão da Sociologia como disciplina junto aos órgãos oficiais de decisão (Conselho de Educação, Congresso Nacional, MEC e Presidência da República). Além disso servirá de baliza para professores e pesquisadores ao pensarmos nos fundamentos básicos da disciplina, colocando na centralidade do documento os conceitos de desnaturalização e estranhamento. No entanto o documento apresenta seus limites, pois apesar de reconhecer e fortalecer a Sociologia como componente curricular obrigatório no Ensino Médio brasileiro, por outro lado tende a coibir seus conhecimentos (Antropologia, Política e Sociologia), de ir além das desigualdades sociais e da exploração do homem sobre o próprio homem, sendo a ação humana o pulso das transformações na sociedades.

Não obstante, foi no dia 2 de junho de 2008, com a promulgação da Lei n. 11.684, que a Sociologia tornou disciplina obrigatória no ensino médio de todo Brasil. Contudo, o Projeto de Lei da reforma do ensino médio n. 34/2016, colocou a Sociologia em posição

desfavorável, obrigando as escolas a oferecer a disciplina, no entanto cabe ao aluno escolher cursar ou não.

Entender este processo de debates em torno da disciplina de Sociologia é fundamental para esta intervenção pedagógica que pretende dentro de seus limites legitimar a importância de uma consciência crítica e reflexiva aos alunos por meio de sua sustentação no Ensino Médio.

O material de apoio ao currículo, os conhecidos “caderninhos do Estado”, nascem como uma maneira de colocar em prática a Proposta Curricular do Estado de São Paulo que por sua vez foi influenciada pelo Parâmetros Curriculares Nacionais entre outros documentos educacionais. A ideia de centralizar o conteúdo em um mesmo material disponível surgiu como solução a má qualidade das escolas da rede estadual e o índice de alunos evadidos e analfabetos funcionais.

Por outro lado, estamos diante de uma relação conflituosa por natureza, pois é sabido que os estudantes, conforme relatado, se interessam pela Sociologia, mas concomitantemente demonstram uma grande dificuldade de absorvê-la. O problema é que não há, nos limites da escola, o incentivo à leitura e à produção artística. A curiosidade e o fazer diferente são vistos como problemáticos. (FERREIRA, 2010, p. 28).

Este material além de desconsiderar as diferenças entre as escolas acaba por centralizar todas as ações escolares como avaliações internas e externas, a bonificação por resultado bem como tende a limitar o trabalho do professor, trazendo diretrizes de como ser professor retirando sua autonomia na qualidade de mediador do conhecimento. Traz consigo um pressuposto de que aquele que utiliza o material não tem uma posição em relação ao ensino, ou que não está preparado para a disciplina, como muitas vezes é o caso dos professores de caráter eventual ou substituto. O caderno esteticamente não traz nenhum atrativo para o aluno, construído em sua maioria em preto e branco com algumas poucas imagens coloridas.

Com o passar dos anos e dentro da nossa atuação em sala de aula, é muito comum em conversas com outros colegas de profissão debater e compreender que os cadernos elaborados pelo governo do Estado de São Paulo estão fragmentados em relação à aprendizagem. Faltam exercícios, textos, referências e interações que permitam reflexões que ajudem e reforcem as possibilidades de o aluno criar consciência do meio onde vive bem como assimilar os conhecimentos específicos.

Contudo, se no principal material da escola vemos tamanha superficialidade ao tratar do conhecimento, o que florescerá da relação deste com os alunos? Certamente não haverá sentido qualquer atividade e muito menos apreensão do conhecimento. Ou, na melhor das hipóteses, temos a transmissão do conteúdo pelo conteúdo onde as avaliações internas e externas tornam-se atividades que giram em torno de si buscando resultados escolares burocráticos e que nada tem a ver com o mais importante que é a aprendizagem dos alunos.

Para alcançarmos o pensamento crítico por meio da linguagem musical, inicialmente torna-se necessário possibilitar aos alunos, além de um processo de sensibilização musical que será detalhada mais adiante, um contato mais aprofundado com os temas da Sociologia.

Nesta intervenção, o tema selecionado para dar vida às canções estará ligado ao assunto principal do 4º Bimestre do terceiro ano do Ensino Médio, "O que é não-cidadania" com enfoque principal na Situação de Aprendizagem 2, a "Reprodução da Violência e das Desigualdades Sociais", conteúdo que integra o Currículo do Estado de São Paulo.

Por esse ângulo, como prática de ensino escolhida a fim de motivar um aprofundamento, para darmos pluralidade aos recursos utilizados pelo docente, utilizamos a estratégia de seminários. Porém não podemos cair no modelo no qual os alunos simplesmente pesquisam tudo sobre determinado tema, sem orientação, e apresentam para a turma, sem qualquer auxílio do professor. Para tanto, considerando a ruptura com a pedagogia das competências e tendo em vista um currículo científico pautado em teorias, conceitos e temas, podemos levar em conta o que dizem as OCEM-Sociologia: "Ele deve organizar os grupos, distribuir os temas, mas orientar cada um deles a respeito de uma bibliografia mínima, analisar o material encontrado pelos grupos, estar presente, intervir durante a apresentação e "fechar" o seminário" (OCEM – SOCIOLOGIA, 2006, p.128).

O título da Situação de Aprendizagem "Reprodução da Violência e das Desigualdades Sociais" pode nos fornecer uma diversificada fonte de subtemas que podem vir a ser pesquisados pelos alunos para apresentação dos seminários: racismo, desigualdade social, reprodução da violência, realidade social brasileira, não cidadania, exclusão social e violência policial.

Seguindo na proposta de explorar os recursos didáticos disponíveis, após a apresentação dos seminários, a leitura da biografia em formato de quadrinhos "Carolina" conferiu realidade aos temas apresentados anteriormente. A história contada no livro é um recorte sobre a vida de Carolina Maria de Jesus, escritora favelada que viveu boa parte da sua vida na favela Canindé, em São Paulo, e teve seu primeiro livro, um diário de memórias, publicado por Audálio Dantas, jornalista que viu nos escritos grande potencial. O livro concatena com o que as OCEM chamam de leitura e análise de texto:

Os textos sociológicos (acadêmicos ou didáticos), de autores ou de comentadores, devem servir de suporte para o desenvolvimento de um tema, ou para a exposição e análise de teorias, ou, ainda, para a explicação de conceitos. Eles não “falam” por si sós, dependem de ser contextualizados e analisados no conjunto da obra do autor, precisando da mediação do professor. Ou seja, os alunos precisam saber quem escreveu, quando e em vista do que foi escrito o texto, a fim de que este não seja tomado como verdade nem tenha a função mágica de dizer tudo sobre um assunto. A leitura e a interpretação do texto devem ser encaminhadas pelo professor, despertando no aluno o hábito da leitura, a percepção da historicidade e a vontade de dizer algo também sobre o autor e o tema abordado, sentindo-se convidado a participar de uma “comunidade”. (OCEM – SOCIOLOGIA, 2006, p.128).

A sensibilização musical ocorreu simultaneamente e alternadamente às apresentações. A sala foi dividida em 3 grupos para a produção do seminário e se reuniu para discutir sobre aspectos da música a ser composta.

Considerando as reflexões abordadas, ao buscar caminhos para o aperfeiçoamento da atividade profissional de professor, é esperado que nós educadores nos vejamos como parte da grande malha relacional a qual configura o que intitulamos de sociedade. Essa malha social se tece a cada momento, e dentre tantos arranjos e trocas, nascem costumes, comunidades, organizações e regras.

No tempo em que vivemos onde tudo se comunica ela alcança grande multiplicidade. Aprender a lidar com essa complexidade, posicionando-se por meio de argumentos éticos e conscientes é o desejo de todos nós professores de Sociologia; ainda mais em um país, cuja cidadania plena é negada à maioria de seu povo, dentro de um contexto de globalização.

Assim sendo, o ensino da Sociologia enquanto disciplina no Ensino Médio, tem um papel árduo. Temos como desafio abordar conhecimento conceituais e precisos a respeito das sociedades ao longo da história e suas transformações. Ao mesmo tempo

assumimos o risco desses alunos se apropriarem do conteúdo pelo senso comum, ao qual tem mais acesso. Somado a isso ainda temos que considerar o pouco tempo disponível para as aulas .

6. TECNOLOGIA

O homem contemporâneo se vê cercado por toda parafernália de máquinas incríveis configurando uma dependência tecnológica cada vez maior. Desde o domínio do fogo, passando pelas flechas e até mesmo a invenção do avião. Essas descobertas são tão incorporadas por nós que funcionam como extensão de nossos corpos e mentes. No entanto são frutos de conquistas que, por intermédio da capacidade de modificar o mundo, o homem se utilizou para sobreviver e aprimorar suas atividades.

Ao refletirmos sobre a presença da tecnologia na sociedade contemporânea, é necessário pensar sobre seus efeitos e potencialidades da mesma no âmbito educacional. O acesso à tecnologia pode servir como termômetro em uma sociedade hierarquizada onde a humanidade é dividida entre incluídos e excluídos. Novos ambientes de interação vão surgindo seguindo caminhos distintos. Se por um lado observamos mais canais participativos possibilitando a construção de comunidades autênticas e solidárias, ao mesmo tempo, vemos comunidades usadas para a proliferação de ódio e cultuação de personalidades tóxicas. Independente se encaramos de forma crítica ou entusiasta, o fato é que não podemos fechar os olhos para os significados que emanam dessa rede.

O educador pode lidar em uma mesma sala tanto com os mais incluídos e os mais excluídos desse ambiente digital. É importante perceber que para aqueles mais vinculados às tecnologias digitais já existe um campo perceptivo e práticas que se desdobram em um potencial cultural singular. Da mesma maneira, para aquele mais excluído do processo digital, o professor deve servir como um elo entre a realidade local e o mundo bem como exercitar e preparar estes alunos para a busca de caminhos inclusivos.

Com o constante avanço da tecnologia a relação dos jovens com a música sofreu grandes modificações. Dentre as mais relevantes encontramos a velocidade no compartilhamento de materiais musicais, a portabilidade de aparelhos de reprodução e novos meios de produção musical. Quando olhamos para a sala de aula algo marcante na identidade dos jovens são os fones de ouvido dos celulares:

Estes artefatos podem ser tomados como marcas identitárias de uma determinada juventude a qual o uso dos mais variados tocadores de áudio portáteis e seus acessórios constitui manifestações simbólicas de seus pertencimentos às culturas juvenis urbanas contemporâneas. (QUADROS, 2013, p.2).

Assim como a TV marcou a geração 1980/90 bem como a sua subjetividade, podemos considerar que o acesso à internet e a popularização da tecnologia apresenta oportunidade de conexão com informações, mobilizações sociais, culturais e políticas. Porém, segundo Belloni (2001) cabe à escola trabalhar com todas as mídias, no sentido de propiciar uma formação que busque a cidadania.

Para que esta pesquisa-ação fosse viável foi necessário incluir outro elemento, a Tecnologia da informação e comunicação. As TICs, como são conhecidas podem ser definidas como um conjunto de recursos tecnológicos, utilizados de forma integrada, com um objetivo comum.

Na escola, como educador, ao perceber o ritmo acelerado das novas tecnologias, tento aliar recursos tecnológicos com a prática docente. Além de recursos como projetor, avaliações online, e grupos em redes sociais para resolução de dúvidas, a principal experiência unindo tecnologia, música e o currículo foi uma breve experiência de Rádio Digital; apoiado na crença de ser possível integrar estes três elementos e contribuir para a formação do aluno.

Ora, para as atividades de sensibilização musical que serão propostas ao decorrer deste trabalho muitas vezes somente o próprio corpo irá nos bastar. Para a composição musical coletiva precisamos de instrumentos musicais. Um violão, um teclado, um cavaquinho ou até uma bateria, se possível. Estes podem ser viabilizados pela escola, pelos alunos ou pelos professores. Porém, para a gravação da produção musical é imprescindível o uso de um computador munido de softwares de gravação e um microfone. Entra aqui outra busca importante deste trabalho que é elucidar a apropriação efetiva das tecnologias de informação e comunicação (TICs) disponíveis na escola.

A produção musical em grupo nas escolas é algo ainda pouco estudado pelas pesquisas educacionais brasileiras. Segundo Rose Hikiji (2006), o resultado final de uma produção musical faz com que cada participante se comprometa com o outro. Na procura por este ajuste existem processos que propiciam sentimentos de responsabilidade, comprometimento, pertencimento e prazer. Ao expressar sensações coletivas sobre o cotidiano, produzindo coletivamente uma canção, os jovens, que participam de projetos

sociais onde a educação musical é trabalhada, são retirados da alienação pois possuem espaços de reflexão e tomada de decisões.

A música assim como a criação musical no ambiente escolar, será abordada privilegiando a sua importância na vida humana, como um instrumento de educação.

Hans Joachim Koellreutters (1998), professor e musicólogo alemão naturalizado brasileiro, aponta na direção de uma educação musical não orientada para a profissionalização de musicistas, e sim para a função de desenvolver na personalidade do jovem vários atributos, tais como: percepção, comunicação, concentração, autodisciplina, trabalho em equipe, discernimento, análise, síntese, desembaraço, desenvolvimento da criatividade, senso crítico, senso de responsabilidade, sensibilidade, memória, raciocínio e reflexão. Por consequência a humanização aparece como o principal sentido da educação musical. Essa é uma preocupação importante dentro da área da pedagogia musical, principalmente no pensamento de Koellreutters.

A intenção deste trabalho corrobora com o pensamento de Maria Cândida Moraes que afirmou:

Uma proposta educacional centrada na pessoa, que compreenda a importância do pensar crítico e criativo, que seja capaz de integrar as colaborações das inteligências humanas e da inteligência da máquina, lembrando, no entanto, que só o ser humano é capaz de transcender e criar. (MORAES, 1997, p. 18).

Podemos por meio do estímulo ao protagonismo dos jovens ressignificar os propósitos da escola. Quando através da música os sensibilizamos com intenção de criar novas formas de apreender o mundo, estamos aproximando a escola a um ambiente que leva em consideração diversas dimensões do fenômeno educativo, seus aspectos físicos, biológicos, mentais, psicológicos, culturais e sociais.

Quando aqui se propõe que o aluno produza um conteúdo midiático musical que possa conectar a vivência própria de cada um aos temas básicos da Sociologia sobretudo ligados à desnaturalização da realidade, acredito que podemos esperar algo não automaticamente alinhado como um produto que precise ser vendido. Apesar destes estudantes estarem diariamente sendo bombardeados por publicidades de todos os tipos, entendo que o desafio é justamente criar condições onde o ensino é capaz de facilitar o desenvolvimento do indivíduo enquanto sujeito.

Por exemplo, ao escrever uma letra de música buscando a essência da luta por direitos civis que Martin Luther King empenhou nos Estados Unidos da década de 1960, é uma maneira de se apropriar dos conteúdos referentes à aquisição de direitos e ao mesmo tempo, produzir uma música que difere da indústria cultural hegemônica.

Caminhando ao encontro disso, um dos motivos desse trabalho é o de questionar a lógica exposta por Horkheimer e Adorno:

Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositadamente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. (ADORNO, 1985, 114).

No sentido de entendermos melhor o contexto do que foi colocado, ao final do Século XIX e o início da Primeira Guerra Mundial, o mundo sofreu muitas alterações devido às inovações tecnológicas: melhores condições de vida, elevação do número de pessoas alfabetizadas, nascimento de novos pensamentos e modos de viver. Nesse cenário, iniciou-se o processo de surgimento dos meios de comunicação de massa com uma característica cultural específica que se diferencia das manifestações culturais precedentes.

A manifestação mais instantânea que difere a cultura de massa do que era criado anteriormente é a abrangência. A partir do inédito poder de alcance cada vez maior, os meios de comunicação bem como as manifestações culturais e artísticas, foram esculpindo o que viria ser chamado por Max Horkheimer e Theodor W. Adorno como a indústria cultural. Ambos integrantes da Escola de Frankfurt, grupo de intelectuais alemães, que tinha como uma das pautas a relação entre cultura e ideologia. No livro “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”, buscaram refletir sobre a mercantilização das manifestações culturais e artísticas, isto é, o processo de transformação de bens culturais em mercadorias.

Por meio da noção de indústria cultural, e sua função articuladora e de manutenção da sociedade, era viável analisar questões tais como a exploração comercial, vulgarização

cultural e consequentemente ideologia da dominação. A expressão “indústria cultural” supõe a ideia de que da mesma maneira que as indústrias fabricam diversos produtos (carros, sapatos, roupas, etc.), a produção em massa de bens culturais encontrava-se buscando a geração de lucros, consumo em larga escala e adesão ao sistema dominante.

Por meio da ideia de “público consumidor”, a cultura de massa teria efeito na sociedade ao gerar uma homogeneização dos indivíduos. Esta conduta haveria de acontecer pois, ao ter acesso a muitas pessoas, os meios de comunicação produzem modelos planejados de arte e cultura repetindo padrões e não levando em conta as possibilidades distintas de configuração de identidades e gostos. Ou seja, o público torna-se uma “massa” homogênea.

Dessa maneira o desenvolvimento do espírito racional estaria sendo atravancado pois nesse processo de mudança da cultura e arte em mercadoria, influenciados pelas regras comerciais de procura e demanda, os produtos comerciais oferecidos são reflexo da vontade instantânea de um público cada vez mais apático e desencorajado a procurar novas experiências. Ele passa a consumir o que lhe é ofertado bem como ter um comportamento acrítico diante das demandas.

Portanto seria possível direcionar os consumidores dessa cultura, através de estratégias visuais e estéticas, para uma fuga da realidade em direção a uma vida irreal de diversão e lazer. Ao fugir da realidade o público estaria consolidando um elemento de alienação que determina que o indivíduo naturalize a exploração capitalista.

6.1 Tecnologias da Informação e da Comunicação – TICs

Na década de 1970 os primeiros computadores começaram a ser instalados nas escolas de muitos países. O nome escolhido como intenção de nomear esse processo foi *computadores na educação*. Concomitantemente com a inserção dos computadores, chegaram também os periféricos, ou seja, os scanners, as câmeras digitais bem como as impressoras. Este agrupamento de apetrechos eletrônicos ficou conhecido como tecnologia de informação, também identificado pela sigla TI. No momento em que a Internet passou a fazer parte da realidade escolar, junto com computadores em rede, a *Word Wide Web*, as ferramentas de busca, o e-mail, um novo vocábulo surgiu. As TICs, são iniciais de tecnologias de informação e comunicação, uma referência à gama de aparelhos eletrônicos que permitem receber, armazenar, interpretar capturar, criar e

transmitir dados, notícias e conhecimento.(ANDERSON, 2010 apud SOARES-LEITE; NASCIMENTO-RIBEIRO, 2012).

A integração de ferramentas de tecnologia digital na educação é alvo de investigação não exclusivamente para ensinar conteúdos específicos das disciplinas, mas sobretudo pelo desenvolvimento intelectual, colaborativo, social e afetivo que podem potencializar.

O avanço tecnológico marcou a modernidade e ao mesmo tempo influenciou e marcou grande presença no âmbito educacional. A tecnologia se espalhou ao redor do mundo de maneira muito rápida tomando praticamente todas as áreas de atuação da sociedade. Porém, apenas nos anos 1990 essas novas tecnologias tornaram-se disponíveis no Brasil, estabelecendo contatos rápidos, revolucionando os formatos de relações interpessoais, formando comunidades capazes de trocar informações e gerar conhecimento.

A autora Jane Kenway (1999) chama de agitações tecnológicas o atual estágio de obsessão política e cultural com as novas tecnologias de comunicação e informação principalmente nas grandes potências. Obviamente, sabemos que toda essa projeção tecnológica já se espalhou pelas telas de todo mundo, inclusive no Brasil.

Ao constatar isso, a professora australiana da Faculdade de Educação da Manash University, que tem como especialidade estudos socioculturais na área da educação, aponta a necessidade de uma nova Sociologia da Educação capaz de focalizar na aprendizagem digital.

Para tentar demonstrar isso a autora primeiramente explicita o conceito de “supervia da informação”, uma espécie de banda larga existente capaz de acelerar o fluxo de comunicações, e que em breve, fará voz, texto, gráfico, sinais de vídeo sendo operados e consumidos em uma única unidade. Com seu artigo publicado em 1999 e, portanto, antes da popularização dos smartphones, Kenway pôde mostrar com antecedência o caminho dessa banda larga de informações.

Nesse sentido entende a internet que liga smartphones e computadores como sendo o meio mais propício para causar interesse educacional. Com a viabilização da comunicação “muitos a muitos”, a internet permite que as pessoas participem de uma nova gama de comunidades possibilitando a produção e distribuição dos seus próprios produtos culturais:

A internet propicia uma grande oportunidade em várias frentes. Eles podem produzir textos multimodais, misturando palavras, sons, fotografias, gráficos. A Internet oferece, de fato, aos estudantes a oportunidade de se tornarem produtores de seus produtos culturais (arte, música, escrita), em vez de serem simplesmente consumidores ativos ou passivos de produtos da informação e da cultura global.(KENWAY , 1999 p.104).

A produção e distribuição de bens culturais produzidos pelos alunos está na base desta intervenção pedagógica que será apresentada como dissertação de mestrado. Ao permitir que o aluno seja capaz de ressignificar sua própria identidade ao fazer sua própria produção cultural também procurou-se rechaçar as construções quase sempre depreciativas tecidas pelos meios de comunicação de massa:

Aquelas pessoas que são vítimas do estereótipo e da marginalização e que queiram publicamente reescrever suas identidades através de sua própria produção cultural podem, de forma bastante imediata, fazê-lo. A internet lhes fornece novas oportunidades para que elas re-presentem a si próprias em “suas próprias vozes” e de acordo com seus próprios jeitos. Isso permite que elas se afastem das construções frequentemente depreciativas das minorias feitas pelos meios de comunicação em massa. Isso também permite que elas ultrapassem as barreiras que lhes são colocadas por aqueles que controlam os meios de publicação e torna possível uma explosão de arte, literatura e músicas alternativas.(KENWAY , 1999, p.105).

Nessa perspectiva, pensando em como tornar concreto o processo de uma produção cultural própria munida da capacidade de expor e transformar a realidade, podemos aproveitar a ideia de escola cidadã de José Clovis de Azevedo (1994). Ele nos dá pistas necessárias para entendermos o papel de qualquer indivíduo com algum poder na esfera educacional:

Trata-se de enfrentar uma contradição de proporções gigantescas, de contornos sinuosos e intrincados. A questão principal que nos colocamos é de como desenvolver um projeto transformador e democrático no interior de um aparelho estatal, cuja lógica vai na contramão da democracia e da mudança. (AZEVEDO, 1994, p.. 309).

O autor nos leva a entender a organização do Estado brasileiro e de que forma o mandonismo e o coronelismo da elite agrária submeteram à exploração e à ignorância a grande maioria da população. E mesmo após a década de 1930, em que a industrialização acelerada mudou o perfil da sociedade brasileira, a ampliação do acesso a direitos sociais como educação, cultura e saúde, continuou com a mesma estrutura de antes. Qualquer

movimento que visasse transformação era cooptado politicamente ou então contido pela violência.

Com isso o esquema de manutenção de privilégios e sistematização da exclusão mantinham-se intactos com a benção das elites. Isso, por sua vez gerou uma cultura autoritária que se enraizou dentro das instituições e no conjunto das relações interpessoais. Algo que se torna inconcebível, no exercício da cidadania e da democracia.

A experiência trazida por Azevedo dentro de todo esforço na busca de uma administração popular e da democratização da escola, bem como a aprendizagem para todos, passa pela criação de uma identidade cultural entre comunidade e as ações pedagógicas. Essas, segundo o autor, são capazes de ressignificar o espaço escolar proporcionando a articulação do trabalho pedagógico junto ao contexto cultural dos alunos.

Seguindo a mesma trilha de pensamento, dentro da realidade norte-americana, Michael Apple (2002) defende que o sistema educacional é influenciado pelo poder econômico e político da comunidade e que são grandes as contradições entre as propostas de reforma do ensino e a realidade da educação na prática. Admite a existência de um discurso crescente que tenta dar ao conhecimento um caráter neutro com a função de colocar o aluno para competir e que o enfoque das discussões revela a preocupação superficial com mais provas, planos de financiamento e “reformas” educacionais que no fundo não têm sentido prático. O autor chama esse movimento de *modernização conservadora*, trata-se de uma aliança poderosa que busca enfatizar o caráter disciplinar e a presença de Deus como guia de toda nossa conduta além de “libertar” as escolas as inserindo dentro do mercado competitivo.

Apple irá traçar um mapa das ações políticas da direita dos Estados Unidos no sentido de entendê-las e dessa forma criar mecanismos de enfrentamento de forma apropriada. Para isso, esmiúça o sentido de palavras-chave como mercado, liberdade, Deus e desigualdades. O autor também defende o currículo como sendo um instrumento de poder na preservação da sociedade da forma que se configura hoje.

Por isso, quando traçamos um breve paralelo entre os últimos acontecimentos políticos no Brasil aliado aos rumos da educação no país, e a modernização conservadora sugerida por Apple, conseguimos relacionar muitos pontos comuns entre ambas as realidades. Quando se fala em educação religiosa, retorno às tradições e valores perdidos é muito do que hoje a narrativa conservadora construiu nas redes, e em sua guinada ao

poder, tenta abarcar a educação em todos os níveis. Sem contar o núcleo duro de extrema direita e seus delírios persecutórios numa caça desenfreada à esquerda, aos direitos humanos, e a todo e qualquer pensamento que aponte para o fim da desigualdades econômicas e sociais, colocando todos sob a rubrica do comunismo.

Quando olhamos para a conjuntura política do Brasil, vemos cada vez mais perseguição ao conhecimento científico, aos artistas e ao pensamento crítico, por isso entendemos a necessidade de ocupar espaços estratégicos para a difusão desse conhecimento. A escola por excelência representa um desses lugares e está cotidianamente sendo disputada como afirma Apple.

Portanto, dentro deste trabalho, a interface capaz de conectar realidades na escola é a composição autoral aliada às novas tecnologias, tendo em vista que o aluno já produz seus conteúdos em suas redes fora da escola. E perguntamos, da mesma maneira que observamos a hegemonia de determinados estilos musicais em concessões públicas de rádio, televisão e nas redes sociais, que massificam apenas uma visão de mundo atrelada ao consumismo, por que não buscamos desenvolver um pensamento crítico que seja capaz de deslocar a realidade passiva por meio da linguagem musical e, de quebra, utilizando-se das tecnologias disponíveis no ambiente escolar?

6.2 Música e tecnologia de gravação

A primeira gravação sonora foi realizada em 1878 por Thomas Edison e a partir de então a música move-se para uma amplificação, transmissão, conversão, captada por microfones e gravada. Nessa perspectiva essas inovações transformaram a natureza do que é criado. Byrne (2014) assinala que assim como a fotografia mudou o modo como enxergamos o mundo, a tecnologia de gravação alterou a maneira como ouvimos. Antes das gravações serem algo universal, a música simplesmente era feita. Todas as experiências eram passageiras e nada poderia ser permanente, senão a memória.

Com a criação dos fonógrafos no começo do Século XX, possibilitou-se que o usuário não apenas reproduzisse o som como também realizasse um registro sonoro. Podemos traçar um paralelo com o que vemos hoje em dia com a digitalização do som que veio ocorrer séculos mais tarde. (IAZZETA, 1996).

A atuação do intérprete e do ouvinte passaram a ser alteradas em função das formas com que as músicas eram gravadas. As salas de concerto, teatro ou auditórios vão

perdendo influência, apesar de terem contribuído para o processo de solidificação da relação interprete ouvinte (IAZZETA, 1996).

Em um novo contexto de escutas, o avanço da tecnologia permitiu que carreguemos música em dispositivos portáteis, suportando também sua disseminação pelas ondas do rádio ou pela rede de computadores e até mesmo torná-la forte o suficiente, capaz de ao mesmo tempo ser ouvida por milhares de pessoas. Esse novo modelo de escuta faz-se possível da mesma maneira que configura-se uma dependência do intermédio de equipamentos diversos. São dispositivos que podem ser localizados desde a performance do músico até o momento de difusão ao receptor. Atingem por consequência no modo como a música é feita, bem como ela é sentida e entendida (IAZZETA, 2012).

As novas técnicas de gravação digital se expandiram muito, acarretando consequências inevitáveis na produção musical contemporânea, e uma das mais importante é a portabilidade:

Essa palavra mágica significa que todo poder tecnológico concentrado no estúdio, e todo alcance possibilitado pelas redes digitais de comunicação, podem ser transportados para qualquer lugar e usados a qualquer momento, graças ao surgimento dos computadores portáteis. A mudança não está apenas no tamanho das novas máquinas, mas especialmente no seu alcance. Assim como walkman – que não era nada mais do que um gravador/tocador de fitas em miniatura – modificou a relação dos ouvintes com a música nos anos 80, os computadores portáteis trouxeram para perto das pessoas a instrumentalização musical gerada pela tecnologia eletroeletrônica. Tornou-se possível fazer música em qualquer lugar, na poltrona de um avião, na mesa de um café, no sofá da sala, ou – porque não? – numa sala de concerto. O laptop computer, o computador apoiado sobre as coxas, é ao mesmo tempo estúdio, ferramenta de composição, gerador sonoro, arquivo de músicas e aparelho de som, e controlado por um teclado mais rudimentar do que qualquer músico tenha tocado em tempos anteriores. (IAZZETA, 2005 apud LORENZI, 2007, p. 36).

Lazetta (2001) considera que, pelo fato de o computador controlar todos os estágios que envolvem o processo desde a fabricação de sons até a comercialização, existe um consenso onde essas novas possibilidades reformulam o espaço musical no sentido de produzir música aproximando indivíduo e fazer musical.

Por fim, entendendo a interligação entre TICs e os procedimentos de gravação digital, esse conceito é importante e se faz necessário pelo fato de estar presente não apenas nas etapas do projeto como também em seu resultado final.

Figura 3- Quadro conceitual



Fonte: elaboração do autor.

7. EDUCAÇÃO MUSICAL

A composição musical como forma de prática pedagógica em ambientes educativos, vem sendo investigada ao longo dos anos pela educação musical, estudado por diversos autores, no entanto, cada qual dentro de uma perspectiva própria. Menciono um apanhado da concepção de pedagogos musicais capazes de enfatizar a composição musical em suas proposições pedagógicas.

O educador musical suíço Émile-Jaques Dalcroze que viveu entre 1865 e 1950, desenvolveu em sua proposta de trabalho, principalmente com criança, uma relação de consciência com a música. Defendia que sentir a música era mais importante. A investigação para elaboração de suas propostas passava pela interação entre escuta e movimento corporal (FONTERRADA, 2008).

No que tange ao aspecto criativo da proposta de Dalcroze, além da aquisição de uma consciência corporal, também apontava a importância de exercitar a imaginação. Ele era um grande improvisador no piano e dentro de seu método essa era uma de suas modalidades principais.

Além disso Dalcroze tinha a preocupação em democratizar o ensino e defendia a presença da música nas escolas: “nenhuma revolução, nenhum progresso, podem ocorrer sem a participação da juventude, pois é nos espíritos jovens que as ideias deitam suas raízes mais profundas” (DALCROZE, 1965 apud FONTERRADA, 2008, p.126).

O alemão Carl Orff dispensou atenção especial às crianças e aos jovens, pesquisando formas de favorecer a expressão espontânea do aluno, entrando no seu universo e propiciando vivência musical integrada (movimento, canto, instrumento e palavra). Procurou fazer uma música com intencionalidade, expressiva, acessível a todos, leigos ou não, que por meio de atividades de improvisação, expressão corporal, vocal e instrumental, levam o aluno a integrar a sua experiência na arte musical: “Para Orff, qualquer ponto pode ser gerador da experiência musical, fonte inesgotável do trabalho rítmico e melódico, seja a canção, um texto, uma ação, um elemento da natureza, uma coreografia, um fragmento musical, um conto” (SANTOS, 1994, p.52).

Sua base era de que nada substitui a vivência e a prática, o “fazer musical”. A partir dessa premissa desenvolveu a concepção de “música elementar”, ou seja, música capaz de oferecer oportunidades para experiências significativas, contribuindo com o

processo de aperfeiçoamento da personalidade do indivíduo. Dessa maneira tais experiências servirão na vida adulta.

Visando intensificar a capacidade e sensibilidade artística, bem como possibilitar a autorrealização na esfera do convívio social, ainda na Alemanha, Gertrud Meyer-Denkman sugere uma nova sistematização musical. Em sua concepção o mais importante não é o “som perfeito”, mas sim a “livre experimentação”, que deve ser combinada com movimentos corporais (SOUZA, 1991).

Jonh Paynter na Inglaterra acreditava ser possível construir música por meio de uma atitude de escuta experimental e ativa. A atividade musical é o império das descobertas e do jogo exploratório, onde a criação de estruturas sonoras torna-se possível no momento em que o ouvinte ativo se sente atraído por aquilo que a matéria prima sonora lhe oferece. Quando se tem esse tipo de postura automaticamente a própria aula de música se transforma e se torna uma “oficina de experimentação” (FONTERRADA, 2008).

Para o autor, defensor do movimento “música criativa”, onde se desenvolviam as “oficinas de experimentação”, o processo de criação composicional da chamada por ele “composição empírica” , se dá primeiramente pela experimentação livre do material, criação de um trabalho final, codificação do trabalho (escrita), execução e análise das músicas criadas.

O canadense Murray Schaffer se dedicou à qualidade da escuta e seu trabalho tinha por objetivo que seus alunos pudessem cada vez mais ouvir melhor. Defendia que a potencialidade criativa das crianças deveria ser descoberta por elas mesmas. Para o autor, seu trabalho na educação musical tem o papel de “[...]tratar a paisagem sonora do mundo como uma composição musical, da qual o homem é o principal compositor; e fazer julgamentos críticos que levem à melhoria de sua qualidade” (SCHAFFER, 2011, p. 273).

Em seu livro “O ouvido pensante” (1999) no seu primeiro capítulo o autor apresenta experiências em salas de aula do ano de 1962. Nelas debatia questões referentes à música nas escolas, bem como a preparação efetiva para o processo de criação musical orientada pelos compositores (Fonterrada, 2004).

O educador musical inglês Keith Swanwick (2003) defende que a composição não seja apenas adequada a grandes compositores. Para ele a composição é uma ferramenta poderosa no processo de compreensão sobre o mecanismo dos elementos musicais, pois se configura em um relacionamento direto com o material sonoro (SWANWICK, 1979,

p. 43). Completando, compor é “uma forma de se engajar com os elementos do discurso musical de uma maneira crítica e construtiva, fazendo julgamentos e tomando decisões” (SWANWICK, 1992, p.10).

Seguramente os grandes educadores musicais entendem a composição musical no decorrer do desenvolvimento educacional como um importante mecanismo e, ao mesmo tempo, uma expressão ímpar da compreensão musical.

O fato da música não ser componente curricular reforça ainda mais a justificativa, pois o projeto vem ao encontro da necessidade que os adolescentes trazem de atingir sua musicalidade por meio do ato criativo de compor.

8. A SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA

A demanda interna que surgiu em mim, de buscar ferramentas para novas experiências em sala de aula, encontrou um correspondente externo. Antes que eu pudesse apresentar o projeto, um dos quatro terceiros anos com os quais trabalhei no ano de 2019 manifestou o desejo de trabalhar um projeto que tivesse relação com a música.

Entendo o surgimento dessa demanda externa como algo natural, pois dentro dos tantos eventos que a escola realiza como o Sarau Literário, a Feira do Conhecimento e as Formaturas, sempre procuro participar com alguma apresentação musical seja com professores, funcionários ou alunos. Tenho, durante estes três anos em que leciono nesta escola, pontualmente feito uso da música de diversas formas. Em 2019 trabalhei principalmente músicas em coral e interpretação de letras que trazem discussões no âmbito social. Portanto há um reconhecimento por parte dos estudantes quanto a possibilidade do uso da música em sala de aula. Tanto que, durante todo o ano letivo, é comum escutar ao entrar na sala de aula: “Professor, cadê o violão?” ou “Não trouxe o violão hoje, professor?”.

Nesse sentido, este trabalho não parte de uma visão homogênea dos jovens brasileiros, e sim da perspectiva de uma condição juvenil que busca compreender os jovens a partir de sua posição na estrutura social, mas também por meio de elementos comuns da experiência juvenil nas sociedades contemporâneas, do modo como essa sociedade representa e desenvolve ações para essa população (DAYRREL, 2001).

Os estudantes do "3 C" me apresentaram a demanda de trabalhar um projeto que envolvesse música durante as aulas de Sociologia. O que eles não sabiam é que essa ideia já estava sendo maturada em meu projeto de mestrado. Thiollent (1996) chama de "fase exploratória" da pesquisa-ação este momento de definir os interessados e suas expectativas que se desdobra na "escolha do tema" da pesquisa em que se configura uma espécie de compromisso entre equipe e pesquisadores.

A proposta de projeto se alinhou com a expectativa da maioria dos alunos logo de início pois criamos ao longo dos anos um vínculo ligado à música nas aulas de Sociologia. Talvez inconscientemente elaborei um projeto que fosse possível para aqueles estudantes os quais já conhecia e onde as afinidades tiveram tempo para serem cultivadas e maturadas.

Em uma aula prévia, antes de iniciar de fato o plano de ação, dialoguei com eles sobre a possibilidade da criação de canções sobre temas sociais. A maioria se empolgou com a ideia inicial da mesma forma que alguns poucos tiveram uma reação apática. Algo que já esperava e que tentei encorajá-los como habitualmente faço nas aulas.

Ao apresentar a ideia a eles, em cada etapa, procurei sempre colher impressões e opiniões. Busquei apresentar em tom propositivo e aberto às mudanças e sugestões, em uma conversa direta sobre como poderíamos realizar o projeto de maneira inteligente tendo em vista o curto espaço de tempo do 4º bimestre.

Eles corresponderam colocando suas aflições sobre a proposta. E, nesse primeiro momento houve uma sugestão por parte deles de suprimir as gravações das músicas, que seriam o produto final, e substituí-las pela apresentação em sala de aula. Considerei que poderíamos firmar compromisso para a composição e apresentação das músicas e seminários como quesito de avaliação, e que faríamos a gravação das músicas em um momento posterior, daqueles que desejassem.

Depois dessa comunicação inicial alguns pontos antes nebulosos para mim, enquanto professor e pesquisador, começavam a clarear. A forma de avaliá-los de uma maneira a encaixar todos os elementos do projeto era um desafio para o qual não havia encontrado solução. Posteriormente, entendi que a melhor maneira seria observá-los durante o processo em quatro momentos elementares do projeto: participação das atividades musicais, elaboração e apresentação do seminário, elaboração e apresentação da música e citação do livro "Carolina" na apresentação do seminário. Ou seja, baseando-se na discussão coletiva fui capaz de traçar diretrizes norteadoras para a avaliação, algo que Thiollent (1996) diz ser necessário ao criar um cenário aberto para procedimentos de argumentação e interpretação.

Um elemento importante na apresentação do projeto foi a inserção do livro "Carolina" como leitura inicial para os alunos. A princípio tinha me programado para exibir e debater o documentário "Ônibus 174" entendendo que ele teria características suficiente para levantar um debate em sala em torno dos temas do 4º Bimestre do terceiro ano do Ensino Médio: "O que é não-cidadania" ; "Reprodução da Violência e das Desigualdades Sociais". Entretanto no final do ano letivo de 2018 foi solicitado a mim, junto com professora de língua portuguesa e a direção, escolher os livros de literatura do - Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) pelo qual os estudantes no Ensino Médio receberam 2 livros cada. Escolhi para o terceiro ano o livro "Carolina" pensando que

poderia ser trabalhado dentro do projeto mas que não teriam previsão de chegada. Acabaram chegando no meio do 3º bimestre do ano letivo de 2019 e dessa maneira pude incluí-los no projeto como mais um subsídio que poderia instigar o estudante a procurar causas e soluções para aqueles problemas vividos por Carolina, que ainda afligem uma grande parcela da população brasileira.

De acordo com os pressupostos metodológicos da Teoria Histórico-cultural da Atividade, o conceito de Atividade (LEONTIEV, 1978), como unidade de análise do desenvolvimento humano pode fundamentar o trabalho do professor na organização do ensino. Para o autor a necessidade é o que dirige e regula a atividade concreta do sujeito em um meio objetual. No entanto somente quando um objeto corresponde à necessidade, esta pode regular e orientar a atividade.

Nesse sentido, se a primeira condição para toda a atividade é a necessidade (LEONTIEV, 1978), este trabalho torna-se atividade em dois importantes momentos. O primeiro momento existe enquanto desejo expressado pelos alunos por em um trabalho capaz de associar música e Sociologia. O segundo momento ocorre quando os alunos se deparam com elementos da vida de Carolina. Moradora de uma favela, durante a noite trabalha como catadora de papel. Lê tudo que recolhe e guarda as revistas que encontra. Estava sempre escrevendo sobre seu dia a dia.

O percurso da autora era improvável para um menina pobre, favelada e negra nascida de pais negros e analfabetos. Carolina sofreu maus tratos ainda na infância e sua vida escolar durou apenas dois anos na sua cidade natal, Sacramento-MG. Após a morte de sua mãe teve como destino a cidade de São Paulo, indo morar na favela Canindé. Lá, por meio do ofício de catadora de papelão constrói sua casa. Nos papeis que recolhia Carolina começou a registrar capítulos de sua vida. Tristeza, emoções e enfrentamentos é o que havia em seus relatos que deram origem a seu primeiro livro, “Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada”. Sua narrativa contestadora foi e é representativa para mulheres escritoras e feministas. O preconceito racial e a desigualdade social permeiam a sua escrita, uma maneira por ela encontrada de denunciá-los. Mesmo posta em condição subalterna frente à sociedade encontrou na escrita uma maneira de resistir a essa vivência, e fez emergir uma fala potente capaz de despertar questionamentos e curiosidade dentro da sala de aula.

Desse modo, partindo de demandas apresentadas pelos próprios alunos em relação à música, e conectando-a à potência dos questionamentos surgidos com a história de

vida de Carolina Maria de Jesus, os estudantes passaram a assumir a existência de uma necessidade em comum: a investigação dos problemas sociais que atingem a vida da personagem Carolina, viabilizando a busca para garantir a apropriação do conteúdo do currículo de Sociologia além de produzir sua própria música, abrangendo também o uso da tecnologia. Esses sujeitos, a partir de suas necessidades e de um plano de ação coordenado, engajaram-se em um trabalho coletivo de construção do projeto. Essas ações podem ser desmembradas em diferentes operações necessárias para o alcance dos objetivos traçados. Essas operações distintas foram pensadas e organizadas em aulas diferentes. Por meio de um Caderno de Relatórios foi possível registrar as conversas com os alunos:

Pude ter algumas conversas prévias com os alunos a respeito de música. Nelas acabávamos por trocar ideias sobre o mundo da música, gostos diferente e principalmente sobre o que ouviam e o que eu ouvia. Quais músicas poderiam servir para trazer para as aulas de Sociologia. Uma curiosidade que partia dos dois lados. Em diversos momentos ao longo do Ensino Médio pude trabalhar música com essa turma. Nessa conversa prévia pude perceber que realmente havia uma expectativa familiar à minha enquanto pesquisador e professor. “Professor por que não fazemos um projeto de música?”- ouvia de Pedro. (CADERNO DE RELATÓRIOS – Encontro Prévio).

8.1 Primeira Conversa Aula 1

18/10/2019- Duração: 90 minutos

Levando em consideração a pesquisa-ação sendo, segundo Elliot (1997), um processo que se modifica continuamente em espiral de reflexão e ação, conversei e compartilhei com os alunos a ideia do projeto e colhi impressões que pudessem otimizar de alguma maneira o caminho a ser percorrido. Era necessário diagnosticar apoios e resistências. Segundo Thiollent:

Trata-se de detectar apoios e resistências, convergências e divergências, posições otimistas e céticas, etc. Com o balanço destes aspectos, o estudo de viabilidade permite aos pesquisadores tomarem a decisão e aceitarem o desafio da pesquisa sem criar falsas expectativas. Além do mais, é necessário conceber o lançamento da pesquisa com a habilidade necessária para sua aceitação por parte dos interessados e, eventualmente, das instituições financiadoras. Uma vez resolvidos esses problemas - o que nem sempre é fácil - a pesquisa poderá começar. (THIOLLENT, 1986, p.50).

De maneira geral o projeto foi bem aceito, todavia existia uma desconfiança em relação à forma de criação da música. Alguns pareceram bem tímidos e se mostraram avessos à ideia de uma exposição das músicas. Dentre eles Yasmin demonstrou mais incômodo nas conversas: “Professor, eu não sei fazer música”. Respondi ponderando que por mais difícil que parecesse eu daria o suporte necessário para cada grupo criar e produzir sua música.

É importante frisar também que alguns alunos sequer levantaram a cabeça para ouvir, de maneira a resistir à ideia do projeto. A bem da verdade, trata-se de um comportamento muitas vezes observado dentro da sala: jovens adolescentes desanimados. Podemos enxergar o desânimo como algo sintomático para ser investigado. Ou seja, existem barreiras para que este jovem consiga se envolver melhor no cotidiano escolar. Essas são algumas pistas:

Os problemas de infraestrutura dos prédios escolares, os currículos que pouco ou nada dialogam com as experiências de vida e com os projetos de futuro dos jovens, os professores despreparados e/ou desmotivados para lidar com esses jovens estudantes e a violência observada no interior de algumas escolas podem ser citados como alguns dos problemas que, certamente, desempenham papel importante nesse contexto de exclusão escolar. (DAYRELL; JESUS 2016)

Ao mesmo tempo alguns se sentiam bem à vontade para refletir sobre as possibilidades, como Wesley e Pedro. Estes manifestaram suas posições nestes momentos coletivos de discussão bem como compartilhavam algumas músicas de referência para a composição, de artistas como Racionais e Froid.

Disse a eles que eles não fariam sozinhos e expliquei em quais aulas poderíamos nos reunir para compor a música:

Na medida em que fui explicando os caminhos que o projeto poderia seguir fui percebendo que se envolviam um pouco mais. Em determinado momento da aula percebi que foram se desfocando. Entendi ser necessário interromper a conversa sem rumo e introduzir uma dinâmica. Uma atividade introdutória em que eles, ao meu ver, pudessem sentir coletivamente o que poderiam produzir. Uma dinâmica musical chamada “Sete” do autor Marcus Vieira. (CADERNO DE RELATÓRIOS – Primeiro Encontro).

Figura 4 – Dinâmica “Sete”



Fonte: Vieira, [201-?],p.12.

Nesta aula tive um pouco mais tempo com os alunos por conta de uma outra aula vaga devido a falta de professor. Nesse sentido pude deixar a sala mais descontraída e coesa com a atividade “Sete”, planejada a princípio para a segunda aula.

Na medida em que a aula acontecia percebi o quanto a escola pode carregar características diversas e contraditórias na mesma turma. Percebe-se ao mesmo tempo que existem potencialidades da diversidade das vivências de cada indivíduo, pode haver um deserto de ideias onde o motivo principal colocado, escondido nas nuvens do cotidiano escolar, é o adestramento de corpos e mentes para o mercado de trabalho. Essa

disciplinarização estéril é um entrave para qualquer movimentação em sala de aula que não seja a padrão: todos sentados copiando e escutando o professor.

Foucault (1977, p. 126), sobre a questão disciplinar da escola afirma que “permitem o controle minucioso de operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade - utilidade são o que podemos chamar as ‘disciplinas’”. Continuando a discorrer sobre essa questão afirma que a “disciplina fabrica assim corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência).”

8.2 Apresentando Carolina - Aula 2

Data: 24/10/2019- Duração: 50 minutos

Apresentei para a sala o livro “Carolina”, contando um pouco da história da personagem Carolina Maria de Jesus, bem como trechos retirados de sua obra mais conhecida “Quarto de Despejo: O diário de uma favelada”. Além de toda sua trajetória, pude problematizar junto aos estudantes algumas questões como racismo, desigualdades social, moradia, linguagem padrão e necessidade de escrita.

Antes de entregar os livros, procurei dar ênfase a três aspectos da história: o processo de desumanização do outro, a reprodução da desigualdade e o papel

transformador do sonho. Estes são os três temas contidos no currículo do Estado referentes ao 4º Bimestre.

Figura 5- Alunos do 3º C recebendo o livro "Carolina" dos autores João Pinheiro da Silva e Sirlene Barbosa



Fonte: elaboração do autor.

Nesta conversa com os alunos o foco estava na apresentação da autora e sua história de vida. A ideia era instigá-los a fazer a leitura do livro para procurar entender o desfecho da vida da escritora

8.3 Divisão dos Grupos - Aula 3

Data: 25/10/2019- Duração: 50 minutos

A partir dessa aula especifiquei os três grupos em que a sala seria dividida. Em média 9 alunos em cada grupo. Cada um deles seria responsável pela leitura do livro “Carolina”, elaboração e apresentação do seminário e criação e apresentação da música autoral. A avaliação de cada aluno seria por participação nas atividades introdutórias de

música, apresentação do seminário e apresentação da música. Cada grupo assumiria um dos três temas disponíveis no Bimestre:

Figura 6 - Esquema de Divisão dos Grupos

Tema 1 – O processo de desumanização e coisificação do outro

1. Compreender o que constitui a condição social de não cidadania.
2. Apreender como ocorrem processos de desumanização e coisificação do outro.
3. Refletir criticamente sobre a escravidão contemporânea no Brasil.

Integrantes: Wesley, Thaiany, Renata, Maiara, Giovanna.

Tema 2 – Reprodução da violência e da desigualdade social:

1. Relacionar processos de reprodução da violência e da desigualdade social e a não garantia dos direitos de cidadania.
2. Produzir reflexões críticas sobre a realidade social brasileira, a partir de uma compreensão sociológica de fenômenos sociais.

Integrantes: Rodrigo, Victor, Edson, Mateus, Ricardo, João Vitor, Quezia, Sabrina.

Tema 3 - O papel transformador da esperança e do sonho:

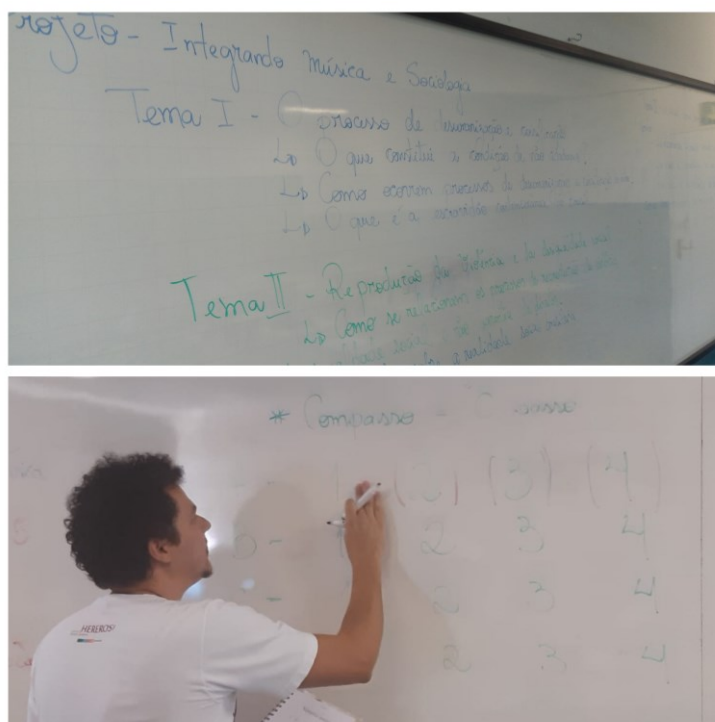
1. Reconhecer diferentes formas de atuação política.
2. Compreender a importância da participação política.
3. Estabelecer uma reflexão crítica acerca da importância do sonho e da esperança como transformadores da realidade social.

Integrantes: Núbia, Natália, Wellington, Yasmin, Nayeli, Vitória Trajano, Edvania, Pedro, Ronaldo, Aleph.

Fonte: elaboração do autor.

É importante destacar que no decorrer das aulas foram feitas algumas questões como, por exemplo, se poderiam fazer paródias em cima de canções já existentes. Respondi que poderiam usar outras músicas como inspiração e referência e que diante disso o desafio era de se entenderem enquanto criadores e se expressarem em uma produção autoral.

Figura 7- Dividindo os grupos e explicando os temas e “O Passo”



Fonte: elaboração do autor.

Os alunos já estavam com o livro em mãos há uma semana e portanto pedi para que cada um desse seu relato sobre a sua experiência de leitura. Segundo o Mateus “pra ler o livro não demora tanto”. Realmente não se trata de um livro denso e por se tratar de uma HQ, Wesley lembrou de uma pagina específica onde, segundo ele “Carolina revela o mundo nas favelas onde a fome e o sofrimento são banalizados”:

Figura 8- Trecho de “Carolina”



Fonte: Pinheiro, Barbosa, 2016, p. 29

Chamei a atenção deles para o fato de que Carolina não era alguém escrevendo de fora da favela, mas alguém que sobrevivia naquele cotidiano muitas vezes desumano. Ela, mesmo com poucos anos de estudo, conseguia ter a sensibilidade de expressar suas vivências de uma maneira crua e verdadeiramente tocante.

Ainda durante a discussão sobre os pontos mais importantes da obra, uma das questões que chamava a atenção dos estudantes era o nome da principal obra de Carolina: *Quarto de despejo: O diário de uma favelada*. O momento de explicar aos alunos a analogia que Carolina fez sobre os quartos de despejos de nossas casas com as favelas espalhadas pelo país foi revelador. Os alunos entenderam a analogia, ficaram curiosos, quiseram saber mais. É como se, em silêncio, cada jovem se perguntasse espantado: É possível uma mulher como essa existir?.

A partir daí eles fizeram vários questionamentos: “O que aconteceu com ela professor?”

8.4 Reunião Em Grupos/Introdução A “O Passo” - Aula 4

31/10/2019 Duração: 50 minutos

Neste momento os fiz reunirem-se em roda onde cada grupo deveria discutir os caminhos e dividir as tarefas de reprodução da música, seminário e leitura do livro. Muitos falavam do estilo que a música deveria ter: rap, funk, samba e sertanejo foram as mais citadas. Outros expressavam como seria o momento da apresentação, suas roupas, a performance e os instrumentos a serem usado: carron, ukelele, violão, bateria, entre outros. Deixei que ficassem por 20 minutos livres para imaginar e planejar sobre as apresentações. Após este período fiz uma breve introdução a “O Passo”, método utilizado há algum tempo em meus estudos e trabalhos enquanto músico:

Figura 9- Estudantes conhecendo e praticando a Folha do Números de “O Passo”



Fonte: elaboração do autor.

Nem sempre foi fácil conciliar dentro de uma sala de aula as diferentes formas dos adolescentes se relacionar com a música. Alguns poucos ficavam parados apenas observando os outros nos movimentos da introdução ao Passo os quais selecionei para a aula:

Tenho a impressão que alguns alunos estão com vergonha ou reticências para executar as atividades coletivas de música. Alguns tem dificuldade em relação a se encaixar no ritmo e não resistência no projeto em si. Creio que devo deixar claro que as participações nas atividades musicais estão como quesito

avaliador para a nota do bimestre. (CADERNO DE
RELATÓRIOS – Quarto Encontro)
Figura 10- Folha de números

Números (tempo)



A		1	(2)	(3)	(4)	
B		(1)	(2)	3	(4)	
C		(1)	2	(3)	(4)	
D		(1)	(2)	(3)	4	
E		1	(2)	3	(4)	
F		(1)	2	(3)	4	
G		1	(2)	3	4	
H		(1)	2	(3)	(4)	

|| www.institutodopasso.org ||

Fonte :Ciavatta, 2009 p. 91

Nesse sentido mostrei a eles que a música é feita de repetições de padrões. Expus ainda uma maneira de enxergar essas repetições: por meio da visualização de compassos na música. A forma de compasso quaternário, sendo o mais utilizada, foi a que apliquei em uma atividade de “O Passo”:

Começamos normalmente pelo passo quaternário, pois ele surge naturalmente de um andar à frente alternado com um andar para trás e porque no Brasil a grande maioria dos exemplos musicais está organizada em compassos quaternários. Neste momento, em especial, é fundamental que as posições dos pés sejam respeitadas, pois o objetivo é construir um “mapa mental” e a clareza deste mapa depende inteiramente da clareza com relação à posição dos pés.(CIAVATTA, 2009, p. 83).

8.5 Saltos No Tempo - Aula 5

Data: 01/11/2019- Duração: 50 minutos

Neste momento do projeto iniciei as aulas de musicalização. Diria que são exercícios básicos de sensibilização voltados para aflorar a musicalidade interior que cada um carrega. Fiz a introdução a "O passo", que são movimentos para iniciantes para obtenção de um movimento corporal capaz de entender a pulsação da música tocada. O Passo, nas palavras da professora Regina Marcia Simão Santos, professora da Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) é:

Uma opção metodológica que integra o corpo na experiência de sistematização e construção do conhecimento musical, sem divisões redutoras do tipo sentir versus pensar, saber racional versus saber intuitivo, fazer musical por imitação versus fazer musical por leitura e escrita, prazer versus perseverança e trabalho. Acima de tudo, O Passo propicia um trabalho efetivamente de grupo, desde o início, e de prática de conjunto imediata e altamente gratificante, porque realizada não sobre exercícios preparatórios, mas sobre matrizes culturais brasileiras reconhecidas, tratando a música como um fato cultural e a educação como uma proposta socialmente contextualizada. (SANTOS, 2009 apud CIAVATTA, 2009, p.5).

Figura 11 – Atividade “Saltos nos tempos”



Fonte: elaboração do autor.

O “Saltos no no Tempo” é o exercício mais lúdico do método “O Passo” e pode ser praticado por alunos iniciantes. Este exercício é realizado com uma marcação que divide o chão em quadrados do mesmo tamanho com linhas claras e visíveis: é preciso que todos consigam pular com os dois pés de um quadrado para o outro. O resultado desejado só pode ser obtido se todos se comprometem com o trabalho e se ajudam mutuamente. Creio que este resultado foi obtido de maneira satisfatória e os alunos puderam exercitar a regularidade do pulso e a compreensão dos ciclos do tempo

8.6 Música Coral - Aula 6

Data: 08/11/2019 Duração: 50 minutos

Aqui coloquei os estudantes em contato com o canto coral popular com a música "Carimbó". Essa canção tem gravação na voz de Pinduca, mas trata-se de uma música tradicional da cultura do estado do Pará. Carimbó é uma dança de roda típica também conhecido como Samba de roda de Marajó e tem em seu nome a origem indígena do tupi *korimbó* (pau que produz som). Além da música ser bela e alegre ela também favorece movimentos do corpo numa forma de dança onde se utilizam passos, palmas e pé

concomitantemente ao cantar. Percebi no início muitos deles desconfiados pois foi entregue para cada aluno uma partitura que continha a letra bem como as notas musicais:

Figura 12- Partitura da música Carimbó entregue aos alunos

CARIMBÓ

Gildo Legure Tradicional

Voz 1

Do-na Ma - ria a que dan-ça é es-ta que a gen te dan-ça só? Do-na Ma

Voz 2

Do - na Ma - ri - a dan - ça só

6

ri-a que dan-ça é es-ta é ca-rim - bó é ca-rim - bó Do-na Ma - bó Um pas so pra

Do - na Ma - ri - a é ca - rim - bó bó

11

fren-te a-go-ra já sei só fal-ta ba-ter a mão (ba) palmas

o ou-tro pratrás co-mo é que é ba palmas

Ao c/ repet. e

17

1. pé no chão 2. só Do-na Ma - ten-do tam bém o pé!

pé no chão ten-do tam-bém o pé pé ten-do tam-bém o pé!

Copyright © ETAM Santa Cecília

Fonte: Legure, 2019.

A partitura mostra a divisão de vozes onde por uma questão de alcance vocal a sala dividiu-se: primeira voz apenas vozes femininas e segunda vozes masculinas. Mostrei para os adolescentes do que é feita a partitura. Primeiramente a pauta que é a região onde escrevemos as notas. Essa região é formada por linhas e espaços e cada um deles representa uma nota musical diferente. Expliquei que a pauta cresce no sentido agudo enquanto decresce no sentido grave.

Isso dado, mesmo enfrentando alguma resistência consegui ensaiar e cantar a música de forma satisfatória, salientando a eles que só seria possível se eles acreditassem ser possível. Ao final da aula já estavam dominando bem as partes e o resultado era positivo dentro deste coral experimental.

O coral acabou ficando marcante pois despertava curiosidade de quem estava fora da sala. A vice-diretora Marlene, por exemplo, fez uma visita para ouvir e entender melhor o que estava acontecendo. Propus que apresentássemos o coral. Os alunos concordaram e assim foi feito. Não demorou para ela gravar e fotografar os jovens com ares de admiração sobre aquilo que via.

No decorrer das aulas os alunos sempre pediam para ensaiarmos a música "Carimbó" e, observando, percebi que de fato o fazer musical coletivo do coral conquistou o interesse deles. Em outras aulas no começo ou já no final, procurava passar alguns exercícios de aquecimento de voz. Muitos caíam na risada, pois os exercícios vocais são verdadeiros "micos". Mas não deixa de ser necessário para preparar as cordas vocais em função das atividades exigidas daqueles que cantarão.

Alegria, na troca de olhares era o que os professores e funcionários demonstravam ao passar pela porta da sala ouvindo o coral. Na sala dos professores também pude presenciar elogios e incentivos ao projeto. Muito contente, pensei comigo, a música realmente é capaz de transformar até o ambiente mais frio.

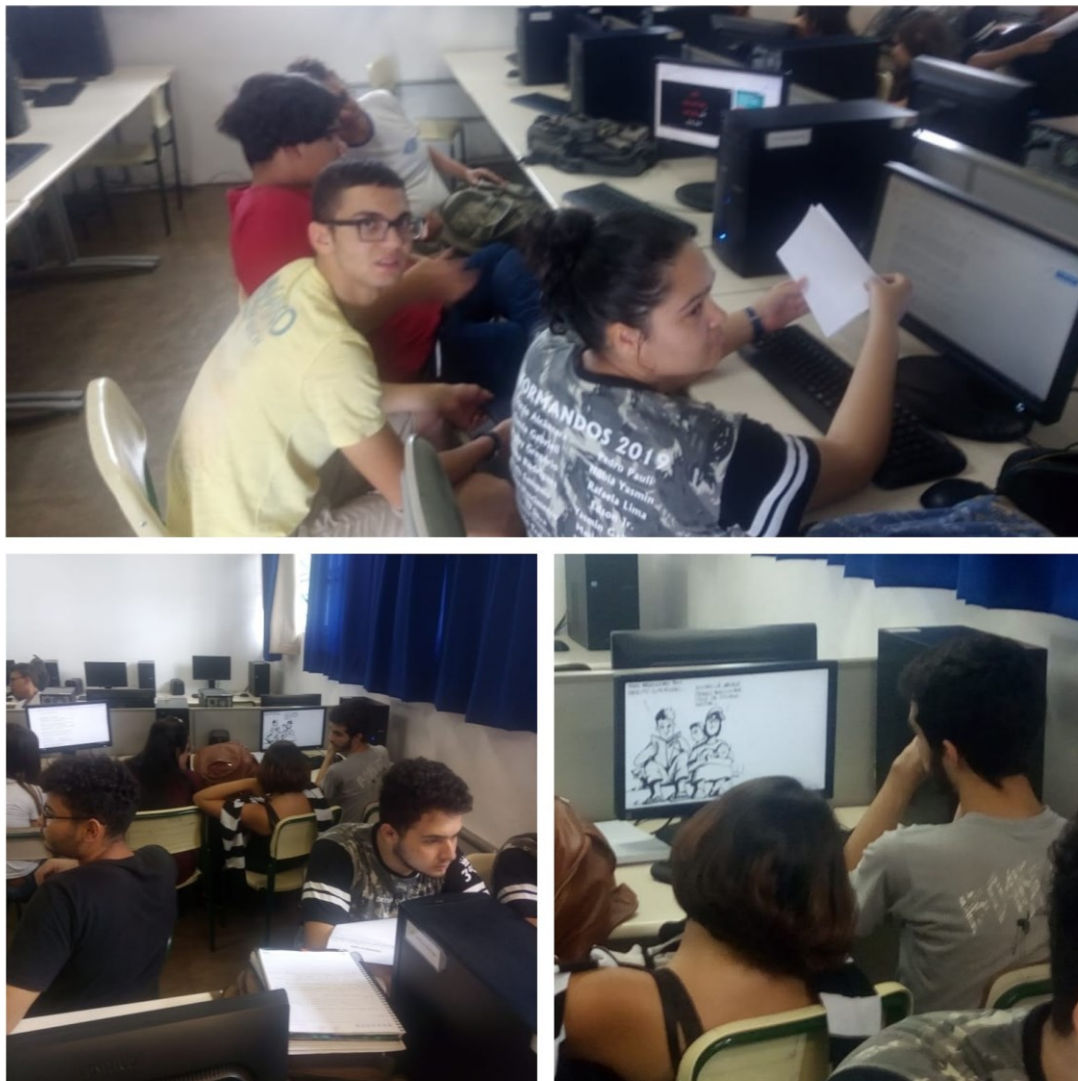
8.7 Pesquisa Em Grupo - Aula 7

Data: 14/11/2019- Duração: 50 minutos

Neste encontro fomos à sala de computação para cada grupo se reunir para terminar de montar seus slides, bem como preparar suas apresentações de seminário. Nesta aula orientei os estudantes quanto aos possíveis autores, imagens e sequência na montagem do seminário.

Também nesta aula como haviam núcleos diferentes em cada grupo pude ampará-los na produção das letras das canções. Pedi para que pesquisassem sobre cada tema e dessa maneira irem aos poucos produzindo um texto com rimas que pudesse ser musicado posteriormente.

Figura 13- Reunião para pesquisa do seminário



Fonte: elaboração do autor.

O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICS) se fez presente em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, (PCNEM) dentro do âmbito da Área de Ciências Humanas e suas Tecnologias destacando a competência de “entender a importância das tecnologias contemporâneas de comunicação e informação para o planejamento, gestão, organização e fortalecimento do trabalho em equipe.” (PCN, v. 4, 1999, p, 35).

8.8 Composições - Aula 8

Data:21/11/2019- Duração: 50 minutos

Neste encontro procurei auxiliá-los na composição das melodias, já que as letras estavam sendo desenvolvidas. Levei o violão e sentei com cada grupo a fim de associar as principais ideias de cada tema para criar a letra da música:

No processo de composição estavam “amarrados” para criar alguma letra ou melodia pois não faziam ideia de como poderiam começar a melodia. Dei uma ajuda com o violão buscando algumas notas e pedindo que cantassem uma primeira nota com o que tinham da letra. Assim fui ajudando a moldar próximo do que eles queriam. Com essa ajuda eles se apropriaram do processo e as músicas começaram a tomar corpo. (CADERNO DE RELATÓRIOS – Oitavo Encontro).

Alguns acharam melhor pesquisar na internet no dicionário de rimas por meio da seleção de determinada palavra-chave do tema. De repente dispunham de um acervo de palavras que rimavam e que ficariam à disposição no momento de criar as frases, dando sentido à letra. Esse processo foi efetivo com a música “Maridez”. Segundo Ricardo quando perguntado por mim: “professor o nome vem da mistura de Maria com desigualdade”. Explicou também que sua motivação com a letra era a de se colocar na pele de Carolina Maria de Jesus na tentativa de incorporar e sentir suas vivências:

Quem diria se eu nascesse lá no morumbi
Ia comer strogonoff e tomar Açaí
Ma aqui no canindé nunca é assim
ocorre uma resistência para me oprimir
(RICARDO PONCIANO – Maridez)

Nesse processo meu papel como mediador teve aspecto importante pois no momento que o grupo dispersava em outras conversas eu os chamava novamente para o foco principal. Em alguns momentos tive de chamar a atenção deles de maneira um pouco mais ríspida. Pude observar uma grande dificuldade de concentração em alguns alunos, o que dificultava o acerto das músicas. No entanto, desenrolou-se um processo coletivo de reflexão, tentativa, erros e acertos.

Figura 14- compondo “Não pare de lutar”



Fonte: elaboração do autor.

8.9 Composições E Ensaio - Aula 9

Data: 22/11/2019 Duração: 50 minutos

Em conjunto com os estudantes ficou decidida uma data para a apresentação. Vitória sugeriu “posso pedir para meu noivo tocar teclado no dia da apresentação”. No entanto, pelo limite de tempo não conseguimos mais ensaiar as músicas com outros instrumentos como o planejado. Teríamos então que partir para o “voz e violão” com as músicas praticamente da maneira que foram concebidas.

Portanto, nesta aula foi desenvolvido o ensaio final para a apresentação, bem como os últimos ajustes nas composições. A composição “Não pare de lutar” teve grande participação da aluna Naieli. Ela participou de todas as atividades com entusiasmo e na hora de compor a letra e melodia também demonstrou desenvoltura além de afinação ao cantar. Impressionou a todos: “Naiele, não sabia que cantava assim!”, exclamou Edson.

A letra fala muito sobre não desistir de um sonho e lutar por ele:

O sonho é uma rosa
 No meio dos espinhos
 Em uma sociedade sem cor e sem sentido
 Minha liberdade possibilita os meus caminhos
 Grite forte fale alto se quiserem te calar
 É preciso rebelar-se não tenha medo de voar
 (NAIELI E VICTORIA – Não Pare de Sonhar)

Figura 15- Ensaio geral e ajustes finais



Fonte: elaboração do autor.

8.10 Apresentação - Aula 10

Data: 29/11/2019- Duração: 90 minutos

O dia da apresentação dos trabalhos foi marcado para 8h00 horas da sexta-feira logo após a prova do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP). Estava um pouco apreensivo pois a experiência me fazia saber que, normalmente, após essa avaliação a frequência dos alunos cai bruscamente. Apesar disso os alunos compareceram em bom número para as apresentações.

Figura 16- Apresentação dos seminários temáticos



Fonte: elaboração do autor.

Pela ordem primeiramente apresentou o grupo formado por Wesley, Thaiany, Renata e Maiara - “O processo de desumanização e coisificação do outro”. Em seguida o

tema “Reprodução da violência e da desigualdade social” com Jenifer, Evelin, Julia, Jessiara, Lara, Maria Eduarda, Nathiele e Jéssica. E por último Núbia, Natalia, Nayeli, Vitória, Edvania e Pedro com “O papel transformador da esperança e do sonho”.

Figura 17- Apresentação das musicas autorais



Fonte: elaboração do autor.

Figura 18- Final das apresentações



Fonte: elaboração do autor.

8.11 Gravação - Aula 11

Data: 05/12/19 Duração: 50 minutos

A gravação foi realizada com poucos alunos. Como havíamos previsto, talvez não teríamos tempo o suficiente para trabalhar a parte da gravação com todos os alunos. No entanto, mesmo com toda dificuldade enfrentada por conta do esvaziamento das salas, os cantores das duas das músicas compareceram e assim conseguimos realizar esta etapa do trabalho. Pude explicar para os alunos o funcionamento básico de uma gravação frisando a possibilidade de um campo de trabalho existente que pode ser feito da própria casa. Dei como exemplo o caso dos home-studios que funcionam como mini estúdios de gravação

montados com o mínimo de recursos mas que possibilitam fazer gravações de podcasts, músicas, vídeos para redes sociais, sonoplastia para teatros entre outros serviços.

Figura 19- Gravação com os alunos compositores



Fonte: elaboração do autor.

A principio Ricardo e Nayeli estavam com um pouco de insegurança e medo de gravar. Ricardo perguntou: “e se eu errar, professor?” Tentei tranquilizá-los dizendo que poderíamos gravar por partes e que caso ocorresse algum erro gravaríamos de novo.

9. FORMATURA

A formatura do 3º Ano aconteceu na Câmara dos Vereadores de Dobrada. Nela tivemos espaço para cantar a música do coral “Carimbó” e a música “Não pare de sonhar” de composição e interpretação de Nayeli, Victoria e Edvania. Foi de comum acordo com a coordenação e alunos que apresentássemos as músicas como encerramento do projeto e do ano letivo.

Um dos tópicos da pesquisa-ação pela ótica de Thiollent é a divulgação externa. Nela o autor defende que o retorno é importante para estender o conhecimento e não deve ser visto como efeito de propaganda: “quando se trata de uma pesquisa relacionada a criação ou o funcionamento de um meio de comunicação (jornal, rádio, etc), é possível aproveitar o próprio meio como instrumento de retorno da pesquisa” (THIOLLENT, 1986, p.72)

Figura 20- Apresentação na formatura com as canções "Carimbó" e "Não pare de lutar"



Fonte: elaboração do autor.

Nayeli estava muito nervosa e dizia: “professor, será mesmo que devemos cantar, tem certeza?” Tentava de alguma maneira passar segurança a ela dizendo que iria correr tudo bem. Ao final, a apresentação foi muito aplaudida, envolvendo os alunos e o público presente. Os familiares e autoridades da cidade eram a maior parte da plateia, bem como os alunos formandos.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envolvimento do pesquisador na ação, constitui um pressuposto da pesquisa-ação, como metodologia de pesquisa. Com isso, o procedimento de coleta dos dados deve propiciar o registro das informações que ocorrem ao longo da ação, oferecendo dados empíricos para o pesquisador, igualmente deve proporcionar informações relevantes que sejam capazes de permitir a reorientação da ação, no sentido de melhorá-la, harmonizando-a com os objetivos legitimados pelo grupo. Sob esse olhar, tive o cuidado metodológico de regularmente fomentar o grupo com minhas preocupações sobre o processo realizado, tencionando para um envolvimento cada vez maior nas conversas.

Uma amostra disso foram os relatórios dos encontros. A cada passo escrito, era possível visualizar com mais clareza cada uma das etapas. Ao mesmo tempo, eles me possibilitavam explicitar com mais clareza ao grupo o que eu via ao longo dos encontros, tratando de oferecer, tanto quanto viável, assuntos pertinente à ação da qual foram protagonistas.

Esta intervenção pedagógica procurou investigar o processo de apropriação dos conteúdos programáticos do currículo de Sociologia do estado de São Paulo, quando vinculados à sensibilização musical cujo resultado final foi uma composição autoral dos participantes. A intervenção foi realizada com com uma sala de 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual, na cidade de Dobrada, estado de São Paulo. O trabalho discutiu aspectos metodológicos da música como ferramenta no processo de aprendizagem, especialmente na disciplina de Sociologia, e utilizou os trabalhos composicionais dos alunos também como forma de avaliação. Para tanto, como referencial teórico utilizou-se a Teoria Histórico-Cultural.

As questões levantadas ao longo da pesquisa procuraram elucidar as várias possibilidades em que a música, em especial a composição, pode, como prática pedagógica, proporcionar uma melhor compreensão do currículo de Sociologia no Ensino Médio, contribuindo para novas dinâmicas que envolvem a música como ferramenta, além de favorecer o trabalho de professores que pretendem inserir esta prática pedagógica em seu planejamento, principalmente dentro do currículo de Sociologia.

Como metodologia de pesquisa, utilizei a Pesquisa-Ação. A intervenção pedagógica Integrando Música e Sociologia foi realizada nos meses de outubro e

novembro de 2019. Durante esse período, foram coletados os dados através de observações dos participantes, gravações de áudio e vídeo.

10.1 Dos resultados

A pesquisa busca contribuir para a prática docente no campo da Sociologia, estabelecendo referências para o trabalho com adolescentes, no uso da composição musical em processos de assimilação de conteúdos do currículo do estado de São Paulo.

Distante de ser uma intervenção pedagógica de caráter pragmático, na qual seria capaz, em tese, vivenciar cada fase de modo linear e limitado à proposta inicial, os encontros em sala de aula foram revelando a existência de aspectos de ordem afetivo-social no trabalho desenvolvido pelo grupo. Nesse sentido, as dificuldades no convívio, o diálogo entre os adolescentes e a própria resolução de problemas ao longo dos trabalhos constituem elementos que devem ser observados na relação processo/produto. Ou seja, a composição musical não constitui apenas um resultado musical específico e exato, mas traz à luz uma série de elementos e relações, de caráter individual, histórico-familiar, social e comunitário. Ele revela como os jovens historicamente situados compõem música relacionando suas vivências junto às características do mundo social.

A proposta de compor músicas com adolescentes habilita uma conexão entre duas realidades no campo educacional. De um lado, o ato de compor músicas em ambiente escolar, ação cada vez mais comum em ambientes de ensino formal de música, mas escassa na rede regular de ensino básico, especialmente nas escolas públicas. De outro, a apropriação dos conteúdos do currículo de Sociologia. A afinação dessas duas realidades se dá pela composição e apresentação das canções autorais e pela sua posterior gravação.

A gravação realizada utilizou-se da tecnologia (TICS) disponível na unidade escolar, além do uso de alguns equipamentos pessoais. A necessidade de incorporar processos tecnológicos do registro sonoro na maneira de executar práticas pedagógicas esteve presente no trabalho de maneira parcial. Talvez por uma falta de habilidade do pesquisador em uma administração mais hábil do tempo, o estudo da tecnologização da produção musical, etapa final do trabalho, restringiu-se à gravação das vozes dos intérpretes, não permitindo uma exploração mais abrangente de instrumentos e do processo de gravação com toda a sala. Outra perspectiva não alcançada foi a da circulação e divulgação da obra por eles concebida. Ainda assim foi possível dividir com a

comunidade, no momento da formatura onde puderam apresentar a música “Não Pare de Sonhar”.

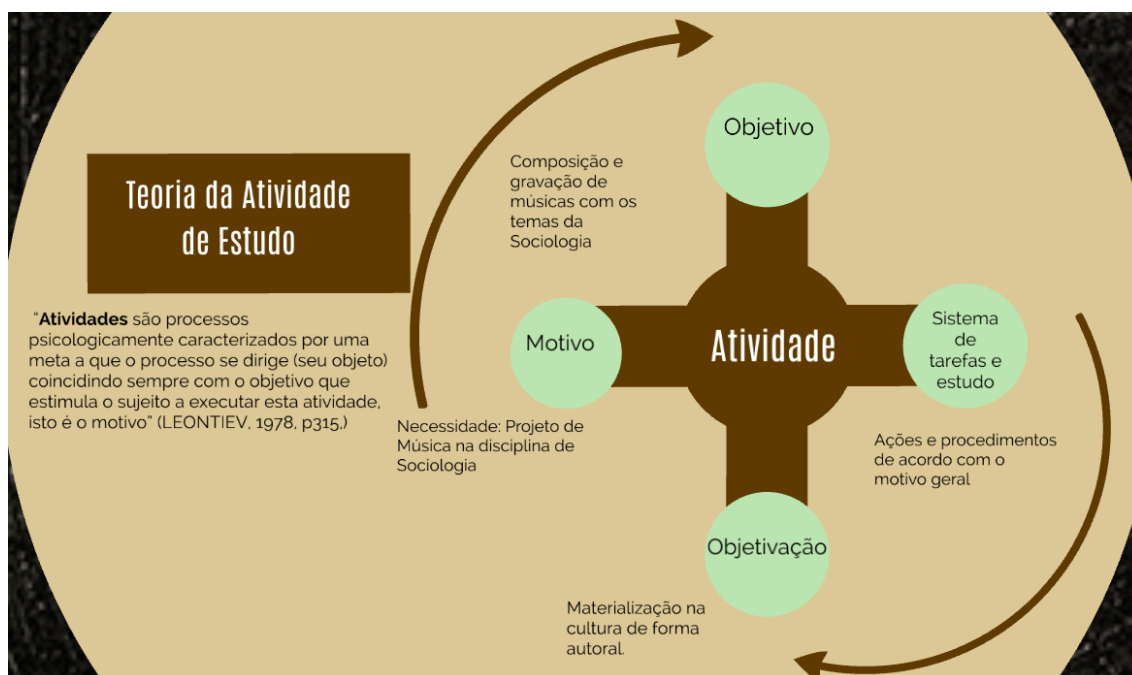
Dentro da metodologia empregada na Teoria Histórico-cultural da Atividade, o ensino tem a ver com uma forma social de sistematização da apropriação, pelo homem, das capacidades formadas sócio-históricamente e objetivadas na cultural material e espiritual. Leontiev, referido por Davydov defende que apropriação "é o processo que tem por resultado a reprodução, pelo indivíduo, das capacidades e procedimentos de conduta humanas, historicamente formados" (DAVYDOV, 2002, p. 57).

Conforme Leontiev (1992), a atividade surge da necessidade, que impulsiona motivos orientados para um objeto. Quando a necessidade é satisfeita, o ciclo que vai da necessidade ao objeto se completa. Para que os objetivos sejam atingidos, são necessárias ações que estejam em conexão com o motivo geral da atividade.

Portanto, esta intervenção pedagógica, existiu em função de uma necessidade manifestada por alunos na disciplina de Sociologia do 3º ano do Ensino Médio. Desejavam um projeto que envolvesse música. Segundo Davydov (1999, p.41) “o desejo deve ser considerado como elemento da estrutura da atividade”. Trata-se da relação entre a afetividade e cognição.

Mediante o possível foi idealizado e desenvolvido um sistema de tarefas de estudo, organizado e desenvolvido na perspectiva de um processo de ensino-aprendizagem científico, que tem como alvo o desenvolvimento multilateral dos alunos seguindo esquema abaixo:

Figura 21 – Detalhes do ciclode desenvolvimento da atividade



Fonte: elaboração do autor

Dentro dessa reflexão, podemos concluir que o trabalho pode introduzir elementos da Teoria da Atividade pertencente à perspectiva histórico-cultural, pois desde o planejamento das ações até a execução foi possível identificar nos estudantes indícios do processo de tomada de consciência frente à realidade social por meio materialização de um bem cultural que é a música autoral sem perder de vista os conceitos fundamentais formalizados no currículo. Quando, a partir das discussões sobre a vida e obra de Carolina Maria de Jesus, se cumpre um sistema de tarefas pensado e sugeridas pelo professor, mas também movimenta o sujeito para compor a respeito do tema, surge no aluno uma ação que demonstra pleno domínio de sua vontade e do porquê de sua ação. Neste momento, além de satisfazer sua necessidade consegue questionar o lugar do ser humano em meio ao conflito social ou então resgatar a especificidade da condição humana e dos direitos fundamentais à vida, à liberdade, à dignidade, à pessoa e às condições mínimas de sobrevivência, habilidades estas contidas no currículo do estado.

Este trabalho foi importante para demonstrar que a música explorada sobre a perspectiva da criação autoral pode contribuir para o desenvolvimento do ensino de Sociologia no Ensino Médio. Verifica-se portanto que nós como professores de Sociologia do ensino básico podemos sistematizar o processo criação musical dos estudantes, levando em conta suas vivências mas, ao mesmo tempo, aprofundando o processo de desnaturalização da realidade.

Tal fato tem impacto na realidade dos alunos pois permite a apropriação dos conteúdos da disciplina de Sociologia por um viés musical. Há também, desdobramentos na minha vida enquanto professor pois a partir dessa experiência possivelmente habilita-se uma busca por outros temas que possam permitir a abordagem da música autoral como ferramenta em diferentes contextos. Demais professores podem vir a desenvolver estudos semelhantes referenciado pelo presente trabalho aplicando nos conteúdos de suas disciplinas: Geografia, Filosofia, Artes, Biologia, História entre outros.

A comunidade escolar deve funcionar como um grande coletivo de pessoas compromissadas com o desenvolvimento de cada estudantes bem como de cada integrante desta comunidade. Nesse sentido, a criação artística deve ser institucionalizada e fazer parte da rotina escolar. Como pretende Dayrrel (2007), atividades que não apenas ocupem o tempo dos estudantes mas que preservem um impacto significativo no currículo. Para tanto intervenções que estimulem o processo criativo devem ser cada vez mais colocadas em prática. Grupos de leitura, artesanato, teatro, música e desenho devem se multiplicar ampliando as possibilidades de ter o jovem como interlocutor no processo de elaboração destes. O que necessita serem reconhecidos como jovens, na sua diversidade, vivendo um momento privilegiado de construção de identidades, de projetos de vida, de experimentação e aprendizagem da autonomia (DAYRREL, 2007).

Figura 22- Informações sobre as composições, fase, situação de aprendizagem, compositores e intérpretes

TÍTULO DA COMPOSIÇÃO	FASE	SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM	COMPOSITORES AUTORES	INTÉRPRETES
Não Pare de Sonhar	3	O Papel Transformador do Sonho	Naieli, Vitória e Pedro	Nayeli, Vitória e Edvania
Maridez	2	Desigualdade e Reprodução da Violência	Ricardo e Vitor	Ricardo, Mateus e Edson

Fonte : elaboração do autor.

Título: Não pare de sonhar

Composição: Nayelli, Victoria

Ontem eu tive um sonho
Parecia realidade
Sonhei que era cantor e vivia da arte
Espalhando a esperança nos mano, isso faz parte
Esse é o papel transformador de um sonho,
Tenha esperança quem luta sempre alcança
Sei que não é fácil, afeta o psicológico mas no final disso tudo vai sair antológico
Seja memorável, seja inesquecível, e nunca se esqueça você é imbatível.
Está em suas mãos o sonho é possível
Ninguém pode deter
Nem as pedras no caminho

Refrão 2x

Não!, não pare não
Não pare de sonhar
Não!, não pare não
Não pare de lutar

O sonho é uma rosa
No meio dos espinhos
Em uma sociedade sem cor e sem sentido
Minha liberdade possibilita os meus caminhos
Grite forte fale alto se quiserem te calar
É preciso rebelar-se não tenha medo de voar

Refrão 2x

Não! não pare não

Não pare de sonhar

Não! Não pare não

Não pare de lutar

oh ooooooooh ooooouoooh oooouoooo

oh ooooooooh ooooouoooh oooouoooo

Refrão 4x

Título: Maridez**Compositores: Ricardo e Victor**

Desigualdade social que me deixa mal
vem me oprimindo desde Pedro Álvares Cabral
Iminência resistência malemolência
Eu to na luta todo dia carregando a minha sentença
Meu nome é Maria trampo todo dia rezo ave maria,
tô na correria, sustento a família
Xingamentos de machista, não vão atrasar minha vida
Tento sair da favela mas ela não sai de mim
Tento melhorar ela mas eles querem assim
Já comi até do lixo para não ser meu fim
Já tentei ser quem não era pra poder fugir
Quem diria se eu nascesse lá no morumbi
Ia comer strogonoff e tomar Açaí
Mas aqui no canindé nunca é assim
ocorre uma resistência para me oprimir
A vida é pra ser vivida como diria Ronaldo:
Tô tramando na recicla pra ganhar meus trocados.

Na favela Yeah, calmaria caravela
Com cautela yeah, a fome e a miséria
A opressão yeah, e os tiros de estratégia
Os fardados yeah, me detestam não se estressa
A esperança yeah, Sempre vai ser minha meta
Vou deixar yeah, minha sina nessa terra

Minhas roupas não combinam, assustar a burguesia
quem é essa fedida cheia de ferida parada na esquina
assusta as minhas filhas
ou sai logo daqui, eu vou chamar a polícia!

O Moça não faz isso não, apanho do marido
só tô fazendo um bico, sustento pro meus filho, é o que me mantém vivo.
O mundo é sombrio me dá até calafrio, me deixa dizer isso
O moça é o que eu preciso, no rosto um sorriso, me deixa emotivo.
Não fui pra vida errada sigo com a fé em Jesus Cristo
A vida é um desafio, tô sempre nos trilhos continuou invicto.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Fragmentos filosóficos. Tadução de Jorge Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

ALMEIDA, B. **Encontros Musicais**: pensar e fazer música em sala de aula. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011.

APPLE, M.. **Educando à direita**: mercados, padrões, Deus e desigualdade. São Paulo: Cortez Editora; Instituto Paulo Freire, 2003.

AZEVEDO, J. C.; SILVA, T. Tadeu; LARROSA, J.; FRIGOTTO, G.; PARO, V. H. ; MCLAREN, P.; GENTILI, P. ; FISCHMAN, G.; FISCHER, ROSA, Maria B ; CORAZZA, Sandra Mara . Escola cidadã: construção coletiva e participação popular. In: Luiz Heron da Silva. (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. 3.ed. Petrópolis: : Editora Vozes, 1998. p. 308-319. v.1

BRASIL. Orientações Curriculares para o Ensino Médio Ciências Humanas e suas Tecnologia. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf. Acesso em: 8 abr. 2020.

BRECHT, B. A exceção e a regra. In: **Teatro completo**. Tradução de Geir Campos. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.p.160 . v.4.

BRITO, T. A. **Koellreutter educador**: O humano como objetivo da educação musical. 2.ed.São Paulo: Peirópolis, 2011.

BYRNE, D. **Como funciona a música**. Barueri: Amariyls, 2014.

CARNIEL, F.; FEITOSA, Samara; ROSISTOLATO, Rodrigo. **Sociologia em sala de aula**: diálogos sobre o ensino e suas práticas. 1. ed. Curitiba: Base Editorial, 2012. p. 5-18.

CARVALHO, Lejeune. A trajetória histórica da luta pela introdução da disciplina de sociologia no ensino médio no Brasil. In: CARVALHO, Lejeune. **Sociologia e ensino em debate: experiências e discussão de sociologia no ensino médio**. Ijuí: Unijuí, . p. 17-60, 2004.

CIAVATTA, L. **O Passo**: música e educação: Rio de Janeiro: L. Ciavatta ,2009.

DAVIDOV, V. V. O que é a atividade de estudo. **Revista Escola inicial** n.7, 1999

DAYRREL (2001). **A música entra em cena** : o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte.2001. . Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Educação.

DAVIDOV, V.V.; SLOBODCHIKOV, V.I; TSUKERMAN, G.A. O aluno das séries iniciais do ensino fundamental como sujeito da atividade de estudo. **Journal of Russian and East European psychology**, v.41, n.4, p.1-11 july/aug., 2003.

DUARTE, N. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXI, n. 71, p.79-115, jul.2000.

ELLIOT, J. **La investigación-acción en educación**. Madrid: Ediciones Morata, 1997

FERREIRA, E. Relação escola e universidade: a Sociologia no ensino médio em perspectiva. IN: **A sociologia no ensino médio** / César Augusto de Carvalho (org.), Londrina, PR: EDUEL, p. 15-35. 2010.

FERREIRA, M. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar , 1979.

FOCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1977.

HIKIJ, R. S. G. **A música e o risco**: etnografia da performance de crianças e jovens. São Paulo:EDUSP, 2006.

IAZZETTA, F. Da escuta mediada à escuta criativa. **Contemporanea/Comunicação e Cultura** ,Salvador, (v. 10, n.1, p. 10-34, 2012. Disponível em: < [www.contemporanea.poscom. Ufba.br](http://www.contemporanea.poscom.ufba.br)>. Acesso em: 08. ago. 2019.

KENWAY, J. Educando cibercidadãos que sejam ligados e críticos. In: SILVA, Luiz H. **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.

KOELLREUTTER, H. J. Educação musical hoje e quiçá, amanhã. In: LIMA, S. S. (Org.). **Educadores Musicais de São Paulo. Encontro e reflexões**. São Paulo: Ed.Nacional, 1998.

LIBERALI, F. **Atividade social nas aulas de língua estrangeira**. São Paulo: Richmond, 2009.

LORENZI, G. **Compor e gravar música com adolescentes**: uma pesquisa-ação na escola pública. 2007. Dissertação (Mestrado em Música) – , Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MARTINS, J. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MARTINS, Marcos Francisco; GROPPPO, Luis Antonio; BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **Apresentação do dossiê temático: movimentos sociais conservadores e educação**. Crítica Educativa, Sorocaba, vol. 4, n. 2, p. 3-6, Set./ Out.2018.

MENDONCA, S. G. L. A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico. **Cad. CEDES**, Campinas , v. 31, n. 85, p. 341-357, dez. 2011.

MILLS, W. C. **A imaginação sociológica**. 2.ed.Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

MORAES, Maria Candida. **O paradigma educacional emergente**.Campinas: Papirus, 1997.

PILETTI, N.; PRAXEDES, W. **Sociologia da educação** – Do positivismo aos estudos culturais. São Paulo: Editora Ática, 2010.

QUADROS, M. C. Sempre ligados! Estilos de vida, práticas culturais e identidades juvenis urbanas contemporâneas. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 36ª ., 2013, Goiânia. **Anais eletrônicos...** Goiânia 2013. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt16_trabalhos_pdfs/gt16_3408_resumo.pdf>. Acesso em: 12. dez. 2018

REPKIN, V.V. Ensino desenvolvnte e atividade de estudo. **Journal of Russian and East European psychology** v 41, n. 4, p. 84-92. July/Aug. 2003.

SANTOS, J. O. C. ; BIEMBENGUT SANTADE, M. S. A teoria da atividade sócio-histórico-cultural: uma proposta para a prática de produção de textos escritos pela argumentação. **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro , v. 18, p. 1-197, 2012.

SANTOS, M. A sociologia no contexto das representações do ensino médio. In: CARVALHO, Lejeune. **Sociologia e ensino em debate: experiências e discussão de sociologia no ensino médio**. Ijuí: Unijuí, p. 131-180, 2004.

SANTOS, R. M. S. A Natureza da aprendizagem musical e suas implicações curriculares - Análise comparativa de quatro métodos. In: **Fundamentos da Educação Musical**, ABEM, 1994. v.2.

SARTORO, E. R. L.; ZIBETTI, M. L. Tonatto. Sentido pessoal atribuído à atividade de estudo no Ensino Fundamental. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 18, n. 1, p. 141-151, abr. 2016 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872016000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 7 maio 2019.

SILVA, Luiz Heron. **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SOARES-LEITE, W. S; NASCIMENTO-RIBEIRO, C. A. do . A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios. Magis, Revista Internacional de Investigacion em la Educacion, v.5, n. 10, p. 173-187, 2012.

SWANWICK, K. **Ensinando música musicalmente**. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho.São Paulo:Moderna,2003.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. Tradução Guido Antonio de Almeida. São Paulo: Cortez, 1996.

WILMO JÚNIOR, E. F.; LAUTHARTTE, L. C. **Música em aulas de Química: Uma proposta para a avaliação e a problematização de conceitos.** Disponível em: <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0112_junior.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.

VIGOTSKII, L. S., LURIA, A. R., LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 7.ed. Tradução Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 2001.
_____. **Imaginação e criação na infância.** São Paulo: Ática, 2010.

ANEXOS



Luta pela Igualdade

- O Movimento dos Direitos Civis é historicamente um período de tempo compreendido entre 1954 e 1980, ocorrido de maneiras diversas e marcado por rebeliões populares e convulsões na sociedade civil em países de todos os continentes.

Nos EUA

- Nos Estados Unidos, entre 1955 e 1968, principalmente consistia em conseguir reformas nos Estados Unidos visando a abolir a discriminação e a segregação racial no país.



Nos EUA,

- Até 1965, existiam leis que negavam aos cidadãos não-brancos toda uma série de direitos, proibindo casamento inter-racial e segregando as raças em transporte público e banheiros públicos. Assim, mesmo que uma pessoa não fosse racista, ela estava proibida por lei de casar com alguém de outra Etnia.



O Estopim

- O marco inicial deste movimento se deu no sul eminentemente racista do país, na cidade de Montgomery, estado do Alabama, em 1 de dezembro de 1955, quando a costureira negra Rosa Parks entrou num ônibus de volta para casa após um dia de trabalho, sentando-se nos bancos da frente do ônibus, local proibido aos negros pelas leis segregacionistas do estado. Intimada a dar seu lugar a um passageiro branco e sentar no fundo do veículo, recusou-se, sendo, por isso presa, julgada e condenada.



A Explosão

Boicote ao Transporte Público, e o Surgimento dos Líderes do Movimento:
Martin Luther King e Malcolm X



Dai pra Frente Iniciou-se protestos no país inteiro

- Boicote ao transporte público
- Marcha pela igualdade/Malcom X e a Formação dos Panteras Negras
- Conquista de direitos, fim da segregação institucional.

- *Tommie Smith e John Carlos são banidos do esporte por fazer o símbolo dos Panteras Negras no pódio. Após a realização dos 200 metros rasos, nas Olimpíadas De 1968.*

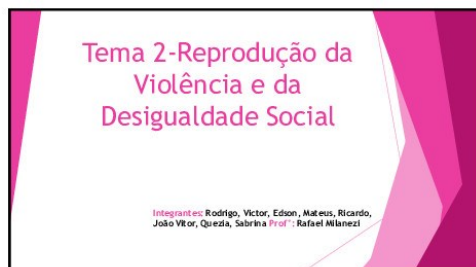


Realização do Sonho

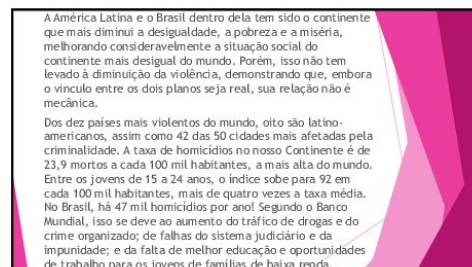
- 2008 – É eleito o primeiro presidente Negro dos EUA.



17/03/2020



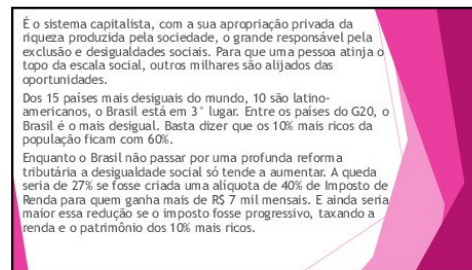
1



2



3



4



5



6

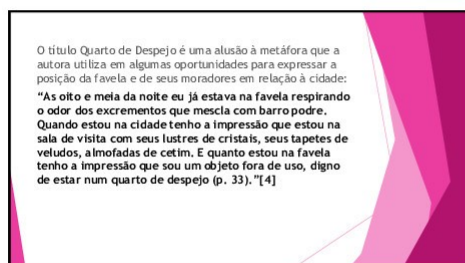
17/03/2020



7



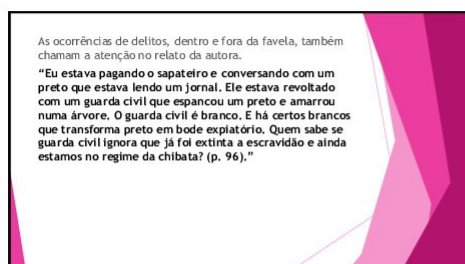
8



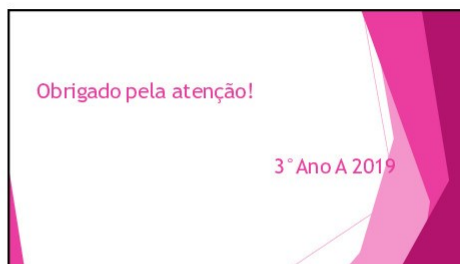
9



10



11



12